

FACULDADE ECLESIASTICA DE FILOSOFIA JOÃO PAULO II

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

Prof. Pe. Eduardo Henrique Braga

13/03/25
1. Introdução

Para iniciar o estudo de filosofia temos que estabelecer uma direção a ser tomada. Como se pode fazer uma introdução à filosofia? Penso que se fizéssemos um resumo da história da filosofia já estaríamos fazendo uma introdução, mas faltaria ainda uma definição inicial do que é filosofia. Não teríamos ainda concluído, pois a filosofia é sempre um pensar. Por isso o curso de introdução à filosofia deve levar o aluno a pensar por si mesmo.

É isso que tentarei fazer nessa introdução, fazer um percurso dos principais momentos da filosofia, suas principais correntes de pensamento, a divisão das matérias da filosofia, os principais problemas, mas também escolhendo uma definição de filosofia e esperando assim que isso tudo estimule o aluno a exercitar o pensamento e não somente tomar conhecimento dessas correntes sem senso crítico. O verdadeiro estudo de filosofia deve levar ao raciocínio e não somente a mera repetição de ideias e opiniões. Isto porque estamos falando do pensamento e não se pode, então, estudar filosofia como uma matéria técnica ou histórica simplesmente. Assim devemos considerar já nesse início de curso a totalidade do curso de filosofia.

Vale a pena aqui mencionar algumas observações feitas por Tomás Melendo¹ a respeito do termo filosofia usado de modo muito genérico para não dizer equivocado mesmo. A título de entender filosofia como Metafísica, ou seja, algo abstrato, a confundem com quiromancia, astrologia, adivinhação, ioga, esoterismo, etc.

De outra parte prossegue Melendo em seu livro, filosofia muitas vezes é confundida com experiências pessoais. Toda essa postura vaga de filosofia, fez com que ao longo do tempo a verdadeira filosofia fosse confundida com todas essas concepções e perdesse seu prestígio. Lembra ainda Melendo que a expressão "não me venha com filosofias"² foi resultado das críticas do positivismo que acabou por desconsiderá-la como ciência. Restringiram-na, junto com a Teologia e a religião ao mero campo da opinião. Não me detenho muito agora, mas podemos já observar que isto, de certo modo, já havia sido antecipado com a doutrina empirista que considera ciência somente o que pode ser observado empiricamente.

SÓ A CIÊNCIA

Podemos certamente constatar que essa linha de pensamento cientificista e não científica, levou a um desprestígio da filosofia, mas de modo geral as chamadas ciências humanas ou inexatas por não

¹ MELENDO, Tomás, *Iniciação à Filosofia*, Instituto Brasileiro de Filosofia, 2005, tradução de Marciano Lang Fraga, p. 11 - 16.

² Idem, p. 13.

→ DEUS É A CAUSA DE TODOS OS SERES.

* SOMOS CAPAZES DE DEUS !

↳ AS VIAS DE SANTO TOMÁS (PRIMEIRA CAUSA)
"INCAUSADA"

estarem submetidas aos elementos empíricos, mas sim ao raciocínio que além de examinar as coisas materiais pode examinar o pensamento e seu mundo abstrato com competência.

Introduzir é ingressar, entrar, inserir. Assim para introduzir um assunto tem-se que considerar a totalidade do objeto de estudo, mais ainda numa matéria, que como veremos, tende à uma visão geral da realidade. Neste sentido podemos já mencionar Karl Jaspers³ que "a filosofia entrevê os critérios últimos, a abóboda celeste das possibilidades e procura à luz do aparentemente impossível, a via pela qual o homem poderá enobrecer-se em sua existência empírica". Já aqui temos algo de importante para a filosofia, ou seja, algo que ultrapassa o empírico, o meramente material. Começamos procurando definir filosofia.

2. Definição de filosofia.

Para fazer uma definição se pode considerar o nome daquilo que se quer definir ou a realidade desse mesmo objeto. Assim temos uma definição nominal e outra real.

2.1. Definição nominal.

O nome filosofia remonta a Grécia antiga que também é o berço da filosofia ocidental. Como afirma Maritain⁴ os filósofos eram chamados sábios. Contudo, Pitágoras cunhou o nome filosofia, amizade com a sabedoria ou amor da sabedoria, pois considerava a sabedoria convinha propriamente a Deus. O homem desejoso do conhecimento deveria ser chamado de amigo da sabedoria, ou seja, filósofo. Assim temos como definição nominal de filosofia:

A filosofia é o amor da sabedoria.

* É PRÓPRIO DO HOMEM

QUERER CONHECER !

É importante conhecer a definição nominal que certamente já nos dá uma boa noção do que estamos estudando, porém como afirma Maritain é preciso conhecer melhor o trabalho do filósofo. Ele explica a importância de se chegar a uma definição nominal da seguinte forma:

Um filósofo é um sábio (da sabedoria propriamente humana).

É esta a noção que tanto a etimologia como a linguagem comum nos dão da Filosofia. Um filósofo é um homem humanamente sábio. E aquele que se tem na conta de filósofo obriga-se a fornecer aos homens as luzes humanas mais profundas sobre os grandes problemas que o preocupam.

A definição de Filosofia sobre a qual nos detivemos aqui – "sabedoria humana" – é uma definição ainda bastante superficial, definição *nominal*, isto é, uma definição que permite que se fique de acordo sobre o sentido do termo. Para passarmos a uma definição mais profunda, definição *real*, que nos leve ao conhecimento da natureza da coisa, vamos considerar, na realidade histórica, a formação ou a *gênese* daquilo que os homens concordaram em chamar de Filosofia.⁵

Passemos, então, ao estudo para chegarmos à uma definição real e, conseqüentemente, a uma noção mais profunda e exata de filosofia.

2.2. Definição real.

³ JASPERS, Karl, Introdução ao pensamento filosófico, Cultrix, São Paulo, 1965, p. 138.

⁴ MARITAIN, Jacques, *Elementos de filosofia I, Introdução Geral à filosofia*, Agir, 1989, p. 19.

⁵ Idem, p. 19-21.

* SER SÁBIO É CONHECER AQUILO QUE É!

Para chegarmos a uma definição real de filosofia devemos considerar sua natureza. A filosofia como podemos já observar a partir da definição nominal é uma sabedoria. Esta é conquistada por aqueles que desejam conhecer, ou seja, fazem uso da inteligência para obter saber. Não podemos deixar de observar, porém, que todo homem é chamado ao conhecimento, está aberto ao conhecer constantemente. Evidentemente existem aqueles que se empenham mais conhecer que outros. Isto ocorre pelo uso natural da inteligência que está sempre aberta ao mundo.

Com isso já podemos afirmar que a filosofia é uma sabedoria que vem à luz natural da razão. Difere-se, por exemplo, da Teologia que é também sabedoria revelada, ou seja, infundida de modo sobrenatural no homem. É preciso estar atento também para não pensar que a filosofia é algo de meramente espontâneo e irrefletido. Esse seria o nível do homem simples que também usa a razão de modo natural, mas num nível ainda confuso e desorganizado em relação ao nível filosófico. Este é o nível pré-filosófico. Desse modo podemos já esboçar uma primeira definição real de filosofia ainda vaga, mas já dizendo respeito à sua realidade, embora estejamos ainda no âmbito etimológico. Maritain faz a seguinte afirmação: *** A FILOSOFIA PERGUNTA: POR QUE ?**

“A filosofia é a sabedoria do homem enquanto homem, a sabedoria que convém ao homem por efeito do labor da razão”⁶.

É importante frisar que o conhecimento vem, portanto, do esforço da razão, do trabalho da inteligência e, porque não dizer, da organização dos dados captados por esse mesmo labor. Para prosseguir numa definição real mais completa a qual exige um objeto formal e um objeto material, deveríamos percorrer um pouco a história da filosofia, mas anteciparemos esta definição para depois entrarmos em alguns tópicos da tradição filosófica.

Como dissemos uma definição real tem que ter um objeto material. Este é a matéria a que se refere um determinado estudo. Pode ser comum a muitas ciências. Por exemplo, o homem pode ser objeto material da medicina, da biologia, da história, da sociologia e outras ciências. O que diferencia estas ciências então? Justamente o objeto formal, ou seja, a formalidade, o interesse que determinada ciência tem sobre o objeto material. Assim a medicina estuda o homem com o interesse de curá-lo de alguma doença, a sociologia sob o aspecto de seu comportamento em sociedade, a história, por sua vez, quer ver a evolução humana no decorrer do tempo, e assim por diante. A terminologia formal e material decorre da doutrina de matéria e forma de Aristóteles que atribuiu a toda realidade corpórea matéria e forma. O real é composto destes dois elementos que formam um composto. No decorrer do estudo da filosofia isto será sempre mais aprofundado, sobretudo no estudo de Aristóteles.

E a filosofia? Pode estudar o homem? É ele o seu objeto material? Sim, a filosofia estuda o homem também na antropologia filosófica, mas não somente o homem. Seu objeto material é muito vasto. A filosofia é conhecer, mas que tipo de conhecimento? Todas as ciências têm uma motivação prática. A medicina é um conhecimento para curar, a engenharia para construir, o direito para aplicar as leis, a matemática para fazer cálculos, e assim por diante. E a filosofia é um conhecimento para que? Para conhecer.

A filosofia é o conhecimento para conhecer.

↳ ela não é pragmática!

⁶ Ibidem, p. 19.

Assim ela não se submete a uma função prática, pelo menos não no seu ponto de partida. A sabedoria natural busca em primeiro lugar apenas conhecer. Evidentemente (quem tem posse do conhecimento, da sabedoria, aplica este conhecimento) É assim que chegamos à Moral e à Estética, partes da filosofia de dimensão prática. Vale a pena lembrar que Aristóteles dizia que o homem precisou chegar a um certo conforto material e assim ter ócio, para estudar a filosofia. Despreocupado de preocupações pragmáticas o homem podia dedicar-se ao conhecimento puro, ou seja, satisfazer a curiosidade natural de conhecer simplesmente as coisas. É oportuno lembrar que os grandes cientistas em suas áreas recebem o prêmio PHD (Philosophic Doctor), ou seja, doutor filosófico, filósofo na sua ciência. Certamente é aquele mais preocupado em conhecer. Evidentemente de posse de um novo conhecimento podem fazer suas aplicações científicas. De posse dessa afirmação de que a filosofia é um conhecimento para conhecer podemos já afirmar que o objeto material da filosofia é o estudo de todas as coisas. A filosofia estuda tudo.

«O objeto material da filosofia são todas as coisas.»

A curiosidade natural da inteligência pode ser aplicada ao estudo de tudo. Contudo a filosofia estuda tudo, mas não estuda todas as coisas com o mesmo ponto de vista de outras ciências. Não estuda o homem como a medicina, não estuda a natureza como a Biologia, não estuda os animais como a zoologia, e assim por diante. Estamos falando do objeto formal da filosofia, ou seja, sobre o ponto de vista pelo qual ela estuda tudo o que existe. Como exemplo para compreender a filosofia, podemos lembrar que ela partiu da admiração, do estupor pelo que existe. Foi o estudo da cosmologia, o estudo do cosmo que não era um estudo de astronomia, mas um perguntar-se pela origem, pela ordem, de tudo o que existe. Já podemos ver esboçado o objeto formal da filosofia. Ela pergunta pela natureza das coisas, pela a sua origem, pelo seu ser. Assim devemos dizer que a filosofia estuda todas as coisas procurando suas causas primeiras, o princípio supremo das coisas. Assim temos que:

«O objeto formal da filosofia é procurar as causas primeiras de tudo o que existe.»

Podemos agora completar a definição real de filosofia. Vimos que seu objeto material são todas as coisas e seu objeto formal as causas primeiras. Vimos ainda que ela é a sabedoria natural. Devemos acrescentar também que conhecimento aqui tem um sentido preciso, por isso devemos dizer que se trata de conhecimento científico⁷. Assim devemos dizer que a filosofia é:

(instrumento)

“O conhecimento científico de todas as coisas à luz da razão natural que considera as causas primeiras ou as razões mais elevadas de todas as coisas.”

Com isso obtemos a definição real da filosofia. A ela retornaremos mais tarde. Agora devemos passar a um estudo breve da história da filosofia para solidificar melhor estes conceitos examinando o percurso histórico que fez chegar a estas conclusões.

Questionário 1.

1. Qual a definição nominal de filosofia?
2. Qual a definição real de filosofia?

⁷ Quanto a este termo científico, saliento que é fonte de polêmica que estudaremos a diante, pois o termo científico em filosofia foi tomando sempre mais o sentido de ciência empírica. Mais adiante retornaremos ao assunto.

3. Explique com suas palavras o que é objeto material e objeto formal.
4. Que diferença existe entre filosofia e conhecimento pré-filosófico?
5. A filosofia é um conhecimento prático no seu ponto de partida? Explique.
6. Qual é o objeto material da filosofia?
7. Qual é o objeto formal da filosofia?

3. Breve percurso histórico da história da filosofia.

Primeiramente devemos esclarecer que muitas vezes o termo filosofia é tomado de forma genérica. No sentido próprio da palavra, a filosofia como ciência teorética e abstrata teve seu trabalho inicial com os gregos. Maritain afirma que "os povos primitivos, e a maior parte das civilizações antigas ou a ignoraram, ou então não souberam descobrir-lhe a verdadeira natureza e o ser próprio"⁸. Evidentemente muitas verdades sempre foram estudadas de modo mais simples e espontâneo. Estes conhecimentos no início foram adquiridos não pela filosofia, mas pelo exercício 'espontâneo' e 'instintivo' da razão humana que procede do senso comum. Muitas noções filosóficas, isto é, que dizem respeito aos problemas mais elevados que a razão possa resolver, faziam parte de um patrimônio de uma tradição primitiva. Dizemos, porém, que se achavam sob certo modo de ser ou num estado pré-filosófico, uma vez que eram ensinadas pela tradição religiosa que confirmava os conhecimentos do senso comum.

① CONHECIMENTO PRÉ-FILOSÓFICO DÁ CERTEZAS !

Maritain apresenta uma importante reflexão a respeito do senso comum, que não deve ser entendido como uma falta de conhecimento, mas um núcleo sólido de certezas que não possui uma argumentação científica que deve ser encontrada no nível filosófico. Contudo a filosofia verdadeira é a filosofia do senso comum. Leiamos o seu texto:

↳ A BUSCA DOS PRINCÍPIOS

O conhecimento vulgar é, para muitos, constituído de simples opiniões e crenças mais ou menos bem fundadas. Compreende, porém, um núcleo sólido de *certezas* verdadeiras, em que o filósofo discerne, em primeiro lugar, dados de evidência sensível (por exemplo: os corpos são extensos em comprimento, largura e altura), em segundo lugar, princípios inteligíveis evidentes por si mesmos (como, por exemplo, "o todo é maior do que a parte", "tudo o que acontece tem uma causa", etc.), em terceiro lugar, consequências imediatamente tiradas desses mesmos princípios (conclusões próximas). Essas *certezas* que brotam *espontaneamente* em nosso espírito, desde que usemos de nossa razão, sua obra da natureza em nós, o que podemos; pois, denominar um *dote de natureza*¹, e dizer que dependem da apreciação natural, ou do consentimento, do instinto, do *senso natural* da inteligência. Uma vez que derivam da própria natureza do homem, devem encontrar-se em todos os homens, ou melhor, serem *comuns* a todos os homens.

O senso comum.

Eis por que podemos dizer que dependem da apreciação comum, ou do consentimento, do instinto, do *senso comum* da humanidade.

As grandes verdades, sem as quais é impossível a vida moral do homem - o conhecimento da existência de Deus, do livre arbítrio por exemplo, e muitos outros pertencem ao domínio do senso comum, a título de consequências imediatamente tiradas (conclusões próximas) dos fatos primeiros apreendidos pela observação e dos princípios primeiros apreendidos pela inteligência. Os homens, a não ser quando deformados por uma educação má ou um vício qualquer que afete a razão, possuem a certeza natural dessas verdades. Mas aqueles cuja inteligência não foi cultivada não sabem ou sabem mal *dar a razão* dessas certezas, isto é, explicar por que as possuem.

Essas certezas do senso comum, conclusões de um raciocínio implícito, não são menos bem fundadas do que as certezas da ciência. Contudo, aquele que as possui não sabe ou sabe mal o fundamento que essas mesmas certezas têm nele. Portanto, são *imperfeitas*,

⁸ Opera Cit. p.23.

não quanto ao seu valor de verdade, mas quanto ao *modo* ou ao *estado* em que se acham no espírito.

Quanto às verdades evidentes por si mesmas ("o todo maior do que a parte", "tudo o que acontece tem uma causa", etc.), objeto do que se chama a *inteligência dos princípios*, e cuja certeza é superior à de todas as conclusões da ciência, o senso comum possui um conhecimento de modo igualmente *imperfeito*, no sentido de permanecer confuso e implícito. Desse modo, o senso comum é, (como o juízo natural e primitivo da razão humana, infalível, mas imperfeito em seu modo de ser)

Devido ao seu caráter absolutamente espontâneo e a incapacidade de explicar essas certezas, certos filósofos pretendem ver nisso uma *faculdade especial* e puramente instintiva sem relação com a inteligência (escola escocesa, fim do século XVIII e início do século XIX, Reid Dugald Stewart; na França, Jouffroy) ou um *sentimento* estranho e superior à razão (escola intuitivista, ou sentimentalista, Rousseau, Jacobi, M. Bergson em nossos dias). Neste caso, seria *cego*, pois não há em nós outra luz sem ser a da inteligência ou a da razão. *A luz do senso comum é radicalmente a mesma luz da ciência, a luz natural da inteligência*. Porém, no caso do senso comum, esta luz não volta sobre si mesma pela reflexão crítica, e não é aperfeiçoada pelo que chamaremos mais tarde de *habitus científico*.

3.1. A filosofia e os semitas.

Apesar da alta cultura científica de que era capaz em sua elite cultural, os egípcios e os caldeus só tiveram, em matéria de noções filosóficas certos conhecimentos muito gerais contidos na religião, a respeito da Divindade, da alma humana e sua condição após a morte, dos preceitos morais. Encontram-se conhecimentos entre esses povos, mas nunca essas noções foram submetidas a um tratamento racional. É realmente a religião que faz as vezes de filosofia. Através delas esses povos possuem verdades filosóficas.

Os judeus, neste ponto, estão no mesmo caso dos outros povos semitas. Desprezando a sabedoria humana e as obras da pura razão, aliás mal dotados para elas, não possuíram filósofos, pelo menos até Filon, que viveu no tempo de Cristo. Contudo, tiveram os profetas e a Lei de Deus.

3.2. As civilizações arianas.

As grandes civilizações arianas, ao contrário, deixam transparecer, embora sob formas muito variadas, um esforço para a especulação racional propriamente filosófica. Com exceção da Grécia (e parcialmente da Índia), este esforço tornou-se incapaz de constituir uma disciplina científica autônoma distinta da religião. (Aqui não é a tradição religiosa que substituiu a filosofia, é antes a filosofia, querendo dizer a sabedoria do homem que penetra a religião, confundindo-se com ela.)

Os persas que eram monoteístas procuravam aprofundar as grandes verdades recolhidas pela tradição primitiva enfrentando o grande problema que sempre afligiu ao homem: o problema do mal. Zoroastro, também chamado de Zaratustra, resolve o problema com o dualismo. Ensina a existência de dois princípios coeternos e incriados: o princípio do bem (Ormuzd) e o princípio do mal (Ahriman), que disputam o império das coisas e cuja a luta sem tréguas constitui a história do mundo.

Questionário 2.

1. O que você entende por senso comum?

⁹ Ibidem, p. 85-87.

2. O que é o senso comum? Uma espécie de intuição? Algo que se opõe à filosofia? Explique.
3. Havia filosofia propriamente dita entre os semitas? Explique.
4. Como era a filosofia entre os povos arianos?

3.3.A filosofia na Índia. - O bramanismo.

Na Índia existe uma situação complexa na sua história intelectual e religiosa. (O Bramanismo ou hinduísmo é em si mesmo filosofia, metafísica, fruto da sabedoria humana, mas que se reveste de ornamentos da religião. Esta doutrina confere origem divina aos livros que contêm os Brâmanas e Upanishads e quem a ensina são os sacerdotes. Assim o bramanismo poderia ser chamado de metafísica sagrada, hierática (solene, pomposa) ou divinizada.)

(Segundo esta metafísica, pelo menos considerada em suas tendências predominantes é o próprio Princípio do mundo chamado Brahmá ou Atman o que constitui a íntima realidade de tudo quanto é realmente; daí se segue logicamente o panteísmo ou confusão de Deus e das coisas.) Mas como tentar escapar do panteísmo? (Este princípio supremo, ^{→ TUDO É DEUS!} que não possui personalidade nem conhecimento, ao qual não se ligam atributos, absolutamente incognoscíveis por qualquer conceito, por mais universal que seja, mesmo pelo conceito de ser, de sorte que é preciso denominá-lo *Não* ou *Não-ser*, é a única realidade verdadeira: tudo o que é múltiplo e limitado, tudo o que conhecemos pelos sentidos e até o que conhecemos por nossos conceitos só existe de modo ilusório, é pura aparência: idealismo ou negação da realidade própria do mundo e das coisas.)

O fato de existir esta aparência ou esta ilusão é um mal, é o próprio mal. A existência das coisas individuais e desta imensa Decepção que se chama a natureza (Maya) e que nos mantém prisioneiros do múltiplo e do mudável é essencialmente má, fonte de todo o sofrimento.

O problema do mal parece dominar toda a especulação metafísica da Índia, como a dos sábios da Pérsia. (Os persas, porém, voltados antes para a ação encaram o mal, sobretudo sob o aspecto de pecado e obcecados pela distinção entre o bem moral e o mal moral, pela qual tentam dividir metafisicamente o ser das coisas, chegam ao dualismo.) Os hindus pelo contrário, voltados unicamente para a contemplação consideram o mal sob o aspecto dor, ou melhor, privação no sentido que os metafísicos dão a esta palavra e assim chegam a um pessimismo que aparece como renúncia estéril da inteligência que quer se bastar a si mesma.

Então o que ensina a sabedoria hindu aos homens? Ensina-os a libertarem-se da dor e da ilusão e como consequência de toda a existência individual. Os brâmanes professam a doutrina da transmigração das almas ou metempsicose. ^{→ REENCARNAÇÃO EM OUTROS ANIMAIS E PLANTAS.} Acreditam que as almas por morte do organismo passam a outro organismo vivendo sucessivamente em corpos diferentes de homens e de animais ou plantas.

Questionário 3

1. O que é o Bramanismo?
2. Como afirmam o panteísmo?
3. O que é a realidade para eles?
4. Como os persas explicavam o problema do mal? O que está na base de seu entendimento?

3.4. O Budismo

O Budismo é uma doutrina essencialmente negativa e dissolvente, orientada mais para a prática do que para a metafísica e a especulação, pode ser considerada como a corrupção e a delinquência da filosofia do Bramanismo.

Substituindo o que é pelo que passa, abstendo-se de dizer se uma coisa é ou não é, procurando conhecer somente uma sucessão de formações instáveis sem nenhum fundamento fixo e nenhum princípio absoluto, ou seja, colocando-se antes do ser o que se chama vir-a-ser (problema da mudança)¹⁰ ou fieri, ele se apresenta, no momento mesmo em que Heráclito formulava na Grécia a filosofia do vir-a-ser, como um perfeito sistema 'evolucionista', além disso se declarava que a existência de Deus, como a de um eu substancial ou de uma alma imortal, é incognoscível (agnosticismo)¹¹, sua verdadeira tendência é negar a existência de Deus (ateísmo) e substituir toda a substância por uma corrente ou fluxo, concebido como real em si mesmo, de fenômenos (fenomemismo). Assim a metempsicose para ele consiste na continuidade de uma cadeia de pensamentos e sentimentos que passa de um a outro modo de existência em virtude de uma espécie de élan para a vida devido ao desejo de ser.

Também a doutrina da libertação da dor que estava presente no Bramanismo, muda de aspecto e trona-se ainda mais grave. O mal não é só o fato de ter uma existência individual ou pessoal, o mal é existir: ser é mau; e o desejo de ser é a fonte de todas as dores. Assim o sábio deve destruir em si toda a aspiração natural do homem para o ser e para a beatitude ou plenitude do ser, abandonando toda a esperança e apagando todo o desejo. Chegará desse modo ao estado de vazio ou de indeterminação total chamado nirvana (literalmente nudez, metaforicamente "imortalidade", "refrigério" - este termo essencial nunca foi definido por Buda) que o livrará do mal de ser e do jugo da transmigração, que conforme o desenvolvimento lógico dos princípios budistas deveria ser considerado aniquilamento da própria alma; pois a alma é apenas a cadeia ou corrente dos pensamentos e dos sentimentos que devem a existência ao desejo de ser; extinguir este desejo é, pois, extinguir a alma.

É para este nirvana que o budismo dirige todos os exercícios ascéticos que conserva do Bramanismo (moderando-os consideravelmente) e todos os preceitos da sua moral ordenada, assim, não para Deus, mas para uma espécie de Nada místico, como fim último. A ordem moral budista levanta-se contra o sistema de castas que, levando ao extremo as exigências da ordem social, cria entre os homens diferenças de espécies para dissolver, entretanto, toda ordem social num igualitarismo e individualismo absolutos; prescreve por fim a benevolência universal (levada até a proibição de matar e ao vegetarianismo obrigatório), a esmola, o esquecimento das injúrias, a não

¹⁰ O problema da mudança estará muito presente numa primeira fase do pensamento grego e terá a sua explicação mais completa com Aristóteles.

¹¹ Agnosticismo" derivou-se da palavra grega "agnostos", formada com o prefixo de privação (ou de negação) "a-" anteposto a "gnostos" (conhecimento). "Gnostos" provinha da raiz pré-histórica "gno-", que se aplicava à ideia de "saber" e que está presente em numerosos vocábulos da língua portuguesa, tais como cognição, cognitivo, ignorar, ignoto, ignorância, entre outros. Muitas pessoas usam, erroneamente, a palavra agnosticismo com o sentido de um meio-termo entre teísmo e ateísmo. Isso é estritamente incorreto pois teísmo e ateísmo separam aqueles que acreditam em divindades daqueles que não acreditam em divindades. O agnosticismo separa aqueles que acreditam que a razão não pode penetrar o reino do sobrenatural daqueles que defendem a capacidade da razão de afirmar ou negar a veracidade da crença teística.

resistência aos maus, mas não por amor ao próximo ao qual se teria obrigação de querer positivamente o bem (isto é, o ser), mas a fim de fugir ele próprio da dor, extinguir toda a atividade e todo vigor numa espécie de êxtase humanitário.

104/25 // 4. A filosofia na China

Voltando-se para o extremo oriente e para a antiquíssima civilização chinesa, observa-se que a primitiva religião da China, a princípio, segundo parece, foi bastante pura, tendo-se grosseiramente corrompido e materializado a partir do século XII antes de J.C., a ponto de substituir Deus pelo Céu, adorar o sol e a lua, tributar um culto divino às almas dos antepassados e aos Espíritos, e deixar-se dominar pela magia e pela feitiçaria, - tanto que os sábios precisaram trabalhar a fim de remediar uma decadência que, pelo VI século antes de J.C., ameaçava arruinar tudo.

Acreditou-se por muito tempo que os sábios chineses foram apenas moralistas ocupados inteiramente em regradar as ações dos homens e complementares despojados de profundezas metafísicas. Este julgamento só é verdadeiro em relação a Confúcio e à sua escola; não parece exato quando a Lao-Tseu, embora convenha usar, com reserva, interpretações propostas por certos iniciados modernos do taoismo.

Na opinião destes, o próprio Lao-Tseu, nascido em 604 antes de J.C., inspira-se na tradição cujo monumento mais antigo é o Yi-King. Parece que a metafísica de Yi-king se preocupou sobretudo com este problema: como o Absoluto, que se basta plenamente a si mesmo, pode agir e manifestar-se? Admite dois aspectos diferentes no grande Princípio único ou Perfeição: Khien, fonte imóvel e incognoscível de toda a atividade, e ~~Khoun, fonte imóvel e incognoscível de toda a atividade,~~ e Khoun, atividade cognoscível que manifesta eternamente a Perfeição numa evolução em espiral e uma corrente de formas sem fim: mas estes dois aspectos identificam-se em uma única e mesma entidade e todas as coisas, depois de terem passado por todas as formas da evolução (cujo ciclo humano é apenas uma das espirais), devem voltar a Khien. Esta metafísica deve, portanto, ser caracterizada como uma espécie de panteísmo evolucionista. Ela constitui o fundo do sistema de Lao-Tseu (taoismo), que lhe acrescenta principalmente uma preocupação de esoterismo e ascese. E através de Tao (a Via), termo e meio eterno da evolução, que possam todas as coisas, a fim de chegar finalmente ao supremo não-agir (nirvana chinês, chamado nibban), onde elas são reintegradas no não-ser e se identificam com o Princípio de toda a atividade. O sábio, imitador de Tao, separa-se de todas as coisas, porque a Via, que produziu os seres, não participa dos seus movimentos. "Havendo construído esta casa, ele não habita". Desapegado das riquezas, das paixões, da experiência sensível, sabendo que o mal é apenas aparente, o sábio eleva-se na solidão, no segredo, que nada tem haver com a humildade cristã, mas somente prudência e desprezo para com os homens), até ao estado de conhecimento perfeito em que conduz o ascetismo taoista, que usa o ópio, como o ascetismo budista usa a hipnose,) sabedoria ilusória, é para os homens princípio de revolta; por esta razão é preciso conservá-la oculta para si só e para um círculo estreito de discípulos herméticos."

"O oportunismo", diz ele, "é o traço característico do sábio. Todo plano preconcebido, toda opinião formada de antemão é um mal. É preciso seguir em tudo uma linha média, caminhar sem intenção determinada, não se apaixonar por coisa alguma, nada repelir por antipatia, fazer o que mais convém no momento em dado caso, sucessivamente". O confucionismo, doutrina feita para a multidão, acabou por cair em puro materialismo. O taoísmo, que pretende destinar-se a uma elite, e que, se for exata a interpretação aqui dada em resumo, constitui com o bramanismo um dos mais interessantes esforços tentados pelo homem para atingir uma sabedoria exclusivamente intelectual, em que ele próprio se deificaria pela metafísica, ignorando o amor, talvez característico primitivo do

* "Esvaziai as cabeças e enchei o ventre", aconselha Lao-Tseu ao estadista. "Enfraquecei os espíritos e fortificai os ossos". Instruir o povo é arruinar o Estado.

pensamento oriental, o taoísmo atravessou fases alternadas de triunfo e de opressão na China; organizou, desde os primeiros séculos da nossa era, segundo parece, sociedades secretas, onde se refugiou definitivamente desde o século XVII, tornando-se um ocultismo filosófico e político dos mais perniciosos.

Questionário 4

1. O que é o Budismo e como se diferencia do Bramanismo?
2. O que é o nirvana?
3. O que é o sábio na filosofia chinesa?

OK

1)

Vimos que nas culturas antigas estão presentes alguns elementos filosóficos nas suas manifestações culturais, onde ao menos implicitamente estão presentes ideias globais sobre o homem, sobre a natureza e sobre Deus. Visto que todo homem do momento que fala, trabalha, faz guerra ou sepulta seus mortos, manifesta uma compreensão não refletida do mundo, podemos dizer que de qualquer forma de vida humana fluirá sempre uma “filosofia” implícita. É importante enfatizar que filosofia aqui significa uma certa visão do mundo. Vimos também que é próprio da mentalidade primitiva, não científica, uma unidade indiferenciada de elementos religiosos, filosóficos, artísticos ou políticos. A separação é um fenômeno posterior como veremos a seguir.

5. A origem do mito

É importante também nos firmarmos um pouco no problema da origem do mito. Sanguinetti¹² afirma que são muitas as teorias a este respeito. Do ponto de vista histórico não se pode fazer outra coisa que constatar a existência do mito. É mais ou menos comum a todas as culturas a presença de tradições populares de remotíssima memória sobre assuntos variados com fatores religiosos, sociais, psicológicos e também morais que convergem na sua configuração histórica.

O significado do termo mito nas civilizações antigas, mais particularmente na Grécia, era mais ou menos (conto ou poética fabulosa) como nos informa Melendo¹³. Hoje mito tem uma conotação de algo fantástico ou irreal.

- 1) Em linhas gerais podemos dizer que as histórias míticas são obras de uma imaginação acrítica, não avaliada racionalmente, normalmente em função da religiosidade originária do homem e secundariamente, também do desejo do homem de conhecer e de explicar a origem das coisas.

Sanguinetti nos afirma que o modo concreto no qual os mitos aparecem escapam ao estudo histórico. Estão ligados aos mecanismos de uma mentalidade primitiva condicionados pela ignorância ou favorecidos pela força religiosa como os grandes fundadores de religiões históricas.

¹² SANGUINETI, Juan José, *Introduzione alla filosofia*, Urbaniana Univerity Press, 2002, Vatican City, Roma, pp. 11-16.

¹³ MELENDO, Tomás, *Opera Cit.* P. 44.

relator do mito.

Na cultura grega, continua a observar Sanguineti, existia já um movimento de demitização. Platão e Aristóteles eram conscientes do caráter inverossímil das histórias míticas que transmitiam com eficácia alguns ensinamentos. Platão se serviu dos mitos inventados por ele mesmo para exemplificar melhor suas teorias. ②

Não é difícil fazer hipóteses sobre as circunstâncias sociais que levam a formação dos mitos. O homem ignorante simplifica, unifica facilmente, trabalha com analogias rápidas e extrapolações. O homem primitivo não é um cientista ou um filósofo que propõe uma teoria e depois a verifica.

② O mito¹⁴ se afirmará quando a sua origem se tornar mítica. Se a origem¹⁵ mesma fosse invenção do poeta então não teria crédito. A história mitológica procede da divindade, dos homens de tempos heroicos. O homem que narra o mito seja rei, sacerdote ou poeta, não fala em nome de si mesmo, mas sim em nome de um poder sobre humano, como por exemplo, inspirado pela divindade ou de um gênio. Parmênides propõe miticamente sua filosofia declarando que a recebe de uma deusa. Sócrates sustentava de ter um gênio que lhe referia tudo quanto devia dizer.

② Assim se vê que a gnosiologia humana se referira principalmente à religiosidade humana. A interpretação marxista deixa de lado o seu caráter religioso, e lhe dá uma visão política. O homem seria o idealizador do mito como forma para poder dominar os outros, enquanto o mito se apresenta como verdade absoluta e indiscutível. O pensamento marxista se esquece é que na civilização antiga unia manifestações da cultura como política, guerra medicina, arte, etc.

Sanguineti¹⁶ ainda afirma que muitos mitos primitivos com conteúdo religioso nasceram como expressões de uma ideia mais ou menos confusa da transcendência, do domínio divino em relação à natureza, da vida além túmulo ou da realização ritual do homem com o divino. O mito se apresentará como realidade absoluta porque é revelada, ou seja, não são conquistas humanas, ou descobertas do homem. A doutrina mítica, portanto, procede de uma forma de revelação, de transmissão sacra ou de dom divino, e enquanto tal é dada ao homem de modo imperativo, não como um motivo para a discussão. Podemos dizer que o mito tenta explicar a realidade, mas em geral de modo fantasioso.

Vale a pena ainda observar que a religião hebraica e depois a cristã não é um mito, ou seja, aquela contida no Antigo e no Novo Testamento, não é um mito ou uma transfiguração idealizada da

¹⁴ O termo "mito" é, por vezes, utilizado de forma pejorativa para se referir às crenças comuns (consideradas sem fundamento objetivo ou científico, e vistas apenas como histórias de um universo puramente maravilhoso) de diversas comunidades. No entanto, até acontecimentos históricos se podem transformar em mitos, se adquirem uma determinada carga simbólica para uma dada cultura. Na maioria das vezes, o termo refere-se especificamente aos relatos das civilizações antigas que, organizados, constituem uma mitologia - por exemplo, a mitologia grega e a mitologia romana.

¹⁵ Compreender que o surgimento do pensamento racional, conceitual, entre os gregos, foi decisivo no desenvolvimento da cultura da civilização ocidental é condição para que se entenda a conquista da autonomia da racionalidade (Logos) diante do mito. Isso marca o advento de uma etapa fundamental na história do pensamento e do desenvolvimento de todas as concepções científicas produzidas ao longo da história humana

¹⁶ SANGUINETI, Juan José, *Introduzione alla filosofia*, Urbaniana Univerity Press, 2002, Vatican City, Roma, p. 14.

religiosidade humana porque é introduzida por Deus na história humana e rejeita mesmo a ligação com o mito¹⁷.

Questionário 5.

1. O que se pode dizer em linhas gerais da origem do mito?
2. Platão acreditava no mito, fazia uso dele?
3. Por que o poeta recorre ao mito?
4. Qual é a visão marxista do mito?
5. Por que o mito se apresenta como realidade absoluta?

6. A filosofia na Grécia.

Maritain¹⁸ afirma que a Grécia é a única parte do mundo antigo onde a sabedoria do homem encontrou seu caminho. Somente aqui a filosofia adquiriu existência independente e distinguiu-se explicitamente da religião. Sanguinetti¹⁹ lembra que no momento de seu nascimento, na sua primeira origem a filosofia não se distinguiu nitidamente do mito ou de tradições religiosas. Era natural que na passagem de um nível ao outro, permanecesse algo da primeira fase, mas que pouco a pouco desaparece para que a filosofia seja realmente autônoma.

6.1. Os sábios.

Como vimos, os poetas foram os intérpretes das tradições religiosas são os primeiros pensadores da Grécia. Entre estes estão Homero²⁰, Epimênides de Cnossos, que purificou Atenas da peste, entre outros, que não interessam à história da filosofia propriamente dita. Maritain afirma que segundo Aristóteles a filosofia começa com Tales de Mileto.²¹ Entre os sábios de seu tempo somente ele abordou os estudos especulativos. Tales foi geômetra e astrônomo. Demonstrou que todos os ângulos inscritos no meio círculo são retos e graças aos seus conhecimentos teria predito o eclipse²² central do sol do dia 28 de maio de 585 a. C.

¹⁷ São Pedro afirma que não se deve andar para trás em direção das fabulas antigas inventadas pelos homens, 2 Pd, 1-16.

¹⁸ MARITAIN, Jacques, *Elementos de filosofia I, Introdução Geral à filosofia*, Agir, 1989, p. 33.

¹⁹ SANGUINETI, Juan José, *Introduzione alla filosofia*, Urbaniana University Press, 2002, Vatican City, Roma, p. 20.

²⁰ Homero (em grego: Ὅμηρος, transl. *Hómēros*) foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Iliada* e *Odisseia*.

²¹ Tales de Mileto (em grego antigo Θαλῆς ὁ Μιλήσιος) foi o primeiro filósofo ocidental de que se tem notícia. Ele é o marco inicial da filosofia ocidental. De ascendência fenícia, nasceu em Mileto, antiga colônia grega, na Ásia Menor, atual Turquia, por volta de 624 ou 625 a.C. e faleceu aproximadamente em 556 ou 558 a.C.. Tales é apontado como um dos sete sábios da Grécia Antiga. Além disso, foi o fundador da Escola Jônica. Considerava a água como sendo a origem de todas as coisas, e seus seguidores, embora discordassem quanto à "substância primordial" (que constituía a essência do universo), concordavam com ele no que dizia respeito à existência de um "princípio único" para essa natureza primordial. Entre os principais discípulos de Tales de Mileto merecem destaque; Anaxímenes que dizia ser o "ar" a substância primária; e Anaximandro, para quem os mundos eram infinitos em sua perpétua inter-relação.

²² Tales foi o primeiro a explicar o eclipse solar, ao verificar que a Lua é iluminada por esse astro. Segundo Heródoto, ele teria previsto um eclipse solar em 585 a.C. Segundo Aristóteles, tal feito marca o momento em que começa a filosofia. Os astrônomos modernos calculam que esse eclipse se apresentou em 28 de Maio do ano mencionado por Heródoto. Se Tales aparece como o iniciador da filosofia, é porque seu esforço em buscar o princípio único da explicação do mundo não só constituiu o ideal da filosofia como também forneceu impulso para o próprio desenvolvimento dela. A tendência do filósofo em buscar a verdade da vida na natureza o levou também a algumas experiências com magnetismo que naquele

Depois deles os filósofos que apareceram são quase todos os homens públicos, apaixonados pela vida da cidade. Contudo, mesmo com essa atividade de cunho prático, não deixam de ter uma consciência bem clara da verdadeira natureza de sua sabedoria. Assim apesar da presença em seu meio de homens como Pitágoras, fundador de uma seita religiosa, a filosofia grega distingue-se imediatamente da religião, forma-se mesmo criticando e combatendo a mitologia popular e aparece como operação da própria razão.

O que nos interessa aqui é a fase de desenvolvimento ascendente desta filosofia, desde Tales até Aristóteles, porque foi então que a filosofia, com seu valor humano absolutamente universal, constituiu-se de modo definitivo.

Abrange aproximadamente três séculos e Maritain a divide em:

- a) Período de Elaboração – filósofos pré-socráticos.
- b) Período de Crise – Sócrates e os Sofistas.
- c) Período de Maturidade fecunda – Platão e Aristóteles.

Passemos ao estudo deste primeiro período.

6.2. A Filosofia Pré-socrática.

Dentro deste período podemos dividir ainda em três grupos: os jônios, os itálicos e os eleatas.

6.2.1. Os jônios.

Os jônios são aqueles que entre os séculos VII e VI a. C. viveram na Ásia Menor em Mileto às margens do mar Egeu. Aqui temos Tales e seus sucessores. Eis que a razão humana começa a investigar somente com seus próprios meios. O homem se impressiona desde o princípio por tudo aquilo que vê e que pode tocar. Numa palavra naquilo que os sentidos lhe revelam. Quando deseja explicar alguma coisa procura, em primeiro lugar, de que é feita tal coisa. Batista Mondin²³ afirma que são os jônios que dão expressão filosófica ao problema da existência de uma causa suprema. É a busca pelo primeiro princípio²⁴.

Pelo que se sabe, Tales foi o primeiro pensador que se pôs expressa e sinteticamente a pergunta: "Qual é a causa última, o princípio supremo de todas as coisas?" Sua pergunta é de natureza filosófica. Busca ultrapassar o problema do múltiplo para saber se toda a realidade pode derivar de um só

tempo só existiam como curiosa atração por objetos de ferro por um tipo de rocha meteórica achado na cidade de Magnésia, de onde o nome deriva.

²³ MODIM, Batista, *Curso de Filosofia*, Edições Paulinas, São Paulo, 1986, p. 17.

²⁴ Para os filósofos pré-socráticos, *arché* (ἀρχή; origem), seria um princípio que deveria estar presente em todos os momentos da existência de todas as coisas; no início, no desenvolvimento e no fim de tudo. Princípio pelo qual tudo vem a ser. Um dos pré-socráticos, Diógenes de Apolônia, explicou o raciocínio que levou os filósofos desse período à ideia de *arché*: "[...] Todas as coisas são diferenciações de uma mesma coisa e são a mesma coisa. E isto é evidente. Porque se as coisas que são agora neste mundo - terra, água, ar e fogo e as outras coisas que se manifestam neste mundo -, se alguma destas coisas fosse diferente de qualquer outra, diferente em sua natureza própria e se não permanecesse a mesma coisa em suas muitas mudanças e diferenciações, então não poderiam as coisas, de nenhuma maneira, misturar-se umas as outras, nem fazer bem ou mal umas as outras, nem a planta poderia brotar da terra, nem um animal ou qualquer outra coisa vir a existência, se todas as coisas não fossem compostas de modo a serem as mesmas. Todas as coisas nascem, através de diferenciações, de uma mesma coisa, ora em uma forma, ora em outra, retomando sempre a mesma coisa." Fragmento 2 de Diógenes de Apolônia, *Os filósofos Pré-Socráticos*, Gerd A Bornhein.

princípio. Inspirando-se em muitos antigos que atribuíam a origem de todas as coisas às águas primordiais, conclui que é a água o princípio do qual se originam todas as coisas. Tales observou que os campos ficavam fecundos após serem inundados pelo Nilo. Tales então viu que o calor necessita de água, que o morto resseca, que a natureza é úmida, que os germens são úmidos, que os alimentos contêm seiva, e concluiu que o princípio de tudo era a água. É preciso observar que Tales não considerava a (arché) água como nosso pensamento de água líquida, e sim, na água em todos os seus estados físicos. Tudo, então, seria a alteração dos diferentes graus desta. Aristóteles atribuiu a Tales a ideia de uma causa material como origem de todo o universo. Aristóteles²⁵ na Metafísica comentou que Tales foi o iniciador da filosofia porque diz que a água era o princípio de todas as coisas, pois o alimento de todas as coisas é úmido.

→ Para Anaxímenes (588-524) o ar terá o papel de arché. Este discípulo de Anaximandro, discorda de que os contrários podem gerar várias coisas. Colocou o ar como Arché, porque o ar, melhor que qualquer outra coisa, se presta à variações, e também devido a necessidade vital deste para os seres vivos. A rarefação e condensação do ar formam o mundo. A alma é ar, o fogo é ar rarefeito; quando acontece uma condensação, o ar se transforma em água, se condensa ainda mais e se transforma em terra, e por fim em pedra. Destacou-se por ser o primeiro a fornecer a causa dinâmica que faz todas as coisas derivarem do princípio uno (condensação e rarefação). "... do ar dizia que nascem todas as coisas existentes, as que foram e as que serão, os deuses e as coisas divinas..."

Para Heráclito será o fogo que terá o papel de princípio de todas as coisas. O fogo transforma-se em água, sendo que uma metade retorna ao céu como vapor e a outra metade transforma-se em terra. Sucessivamente, a terra transforma-se em água e a água, em fogo." Mas Heráclito era mobilista e afirmava que todas as coisas estão em movimento como um fluxo perpétuo. Ou seja, usa o fogo apenas como símbolo de todo este movimento. Heráclito imaginava a realidade dinâmica do mundo sob a forma de fogo, com chamas vivas e eternas, governando o constante movimento dos seres. "... descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos..." Para Heráclito tudo muda, Πάντα πει, tudo flui. Isto quer dizer que na mudança não há um sujeito estável e permanente, assim afirma a filosofia do "vir a ser", fascinado pela mudança.

88104125 → Anaximandro (610-5476) tinha um argumento contra Tales: o ar é frio, a água é úmida, e o fogo é quente, e essas coisas são antagônicas entre si, portanto um o elemento primordial não poderia ser um dos elementos visíveis, teria que ser um elemento neutro, que está presente em tudo, mas está invisível. Anaximandro foi um dos pré-socráticos que mais se diferenciaram na sua concepção da arché por não a ver como um elemento determinado, material. Considerava o infinito como o princípio das coisas, e o chamou de apeíron, considerava então, que o limitado não poderia ser a origem das coisas limitadas. Explica que as coisas nascem do infinito através de um processo de separação dos contrários (seco-úmido). "Anaximandro ainda afirmaria que os primeiros animais nasceram no elemento líquido e, pouco a pouco, vieram para o ambiente seco, mudando o seu modo de viver por um processo de adaptação ao ambiente, extremamente coerente com as teorias evolucionistas de Charles Darwin." "... o ilimitado é imortal e indissolúvel..."

Podemos citar ainda Empédocles (493 – 433)²⁶ com a doutrina do amor e do ódio. Procura explicar a origem dos seres pela produção separada de órgãos e de membros que se reuniam por acaso

²⁵ ARISTÓTELES, *Metafísica*, 983, b6ss.

²⁶ Empédocles acreditava que a natureza possuía quatro elementos básicos, ou raízes: a terra, o ar, o fogo e a água. Não é certo, portanto, afirmar que "tudo" muda. Basicamente, nada se altera. O que acontece é que esses quatro elementos diferentes simplesmente se combinam e depois voltam a se separar para então se combinarem novamente. O que unia e desunia os quatro elementos eram dois princípios: o amor e o ódio. Os quatro elementos e os dois princípios seriam

e por todos os modos de combinação, persistindo somente as formas mais aptas para viver. Ainda outro filósofo a ser lembrado é **Demócrito**²⁷ que tem como doutrina o atomismo. Podemos ver aqui uma antecipação do conceito de Darwin de "persistência do mais apto" ou da luta pela sobrevivência.

→ **Anaxágoras** propôs, assim como os pluralistas, um princípio que atendesse tanto às exigências teóricas do "ser" imutável, princípio de tudo, quanto à contestação da existência das múltiplas manifestações da realidade. Esse novo princípio, Anaxágoras chamou homeomerias. As homeomerias seriam as sementes que dão origem à realidade em sua pluralidade de manifestações. Afirmava que[o universo se constitui pela ação do *Nous* (voûς), conceito que geralmente é traduzido por *inteligência*.] Segundo o filósofo, o *Nous* atua sobre uma mistura inicial formada pelas homeomerias, sementes que contêm uma porção de cada coisa. Assim, o *Nous*, que é ilimitado, autônomo e não misturado com nada mais, age sobre estas sementes ordenando-as e constituindo o mundo sensível. Os fragmentos preservados versam sobre: cosmologia, biologia e percepção. Esta noção de causa inteligente, que estabelece uma finalidade na evolução universal, irá repercutir em filósofos posteriores, como Platão e Aristóteles. Influencia também exercerá em Leibniz, que aproveitará a ideia de homeomerias.

(Anaxágoras compreendeu que o princípio material de que são feitas as coisas não é suficiente para explicá-las.) É preciso conhecer o agente que as produz, ou seja, a causa motora, o fim para o qual esse agente age, causa final. Por isso reconhece a existência necessária de uma Inteligência separada (nouz), ordenadora das coisas. Por isso Aristóteles diz que ele foi o único a conservar a sobriedade entre os filósofos de seu tempo que estavam transtornados com o vinho das aparências sensíveis. 7/4

6.2.2. Os itálicos.

Paralelamente a filosofia jônica, se desenvolveram nos séculos VI e V as correntes gregas, pitagórica e eleática.

Pitágoras²⁸ tem o destaque de compreender que haviam realidades mais importantes do que as que podiam ser compreendidas pelos sentidos. Vimos como foi ele que cunhou o nome desta ciência, a filosofia, considerando-se não um sábio, mas um amigo da sabedoria, visto que só a divindade seria

eternos e imutáveis, mas as substâncias formadas por eles seriam pouco duradouras. Jostein Gaardner afirma que talvez Empedócles tenha visto uma madeira queimar, alguma coisa aí se desintegra. Alguma coisa na madeira estala, ferve, é a água, a fumaça é o ar, o responsável é o fogo, e as cinzas são a terra. As verdades não seriam mais absolutas, como nos eleatas, mas proporcionais à medida humana. As coisas são imóveis, mas o que percebemos com os sentidos não é falso. Então, as duas forças atuariam nas substâncias, o amor e o ódio. O amor agiria como força de atração e união, o ódio como força de dissolução. Em quatro fases, existe a alternância dos dois. Estabelece um ciclo, com a tensão da convivência dessas forças motrizes.

²⁷ Os atomistas seguiram a linha de que a natureza era composta por partículas infinitas. Diziam que tudo que realmente existia era constituído de átomos e de vazio (este último os espaços entre os átomos). considera que nada pode surgir do nada, assim, os átomos eram eternos, imutáveis e indivisíveis (que na verdade são divisíveis, só que este foi descoberto anos depois). O que acontecia, era que eles eram irregulares e podiam ser combinados para dar origem aos corpos mais diversos. Demócrito é considerado o mais lógico dos pré-socráticos

²⁸ Pitágoras é o primeiro matemático puro. Entretanto é difícil separar o histórico do lendário, uma vez que deve ser considerado uma figura imprecisa historicamente, já que tudo o que dele sabemos deve-se à tradição oral. Nada deixou escrito, e os primeiros trabalhos sobre o mesmo deve-se a Filolau, quase 100 anos após a morte de Pitágoras. Mas não é fácil negar aos pitagóricos - assevera Carl Boyer - "o papel primordial para o estabelecimento da Matemática como disciplina racional". A despeito de algum exagero, há séculos cunhou-se uma frase: "Se não houvesse o 'teorema Pitágoras', não existiria a Geometria".

propriamente sábia. Foi a ciência dos números que lhe revelou as realidades invisíveis, cuja a ordem imutável domina e governa o curso do vir-a-ser, e daí por diante só conhece os números.

Assim, Pitágoras e sua escola²⁹, a quem tanto devem a matemática e a música, não chegaram a verdadeira noção de filosofia primeira ou metafísica, pois confundiram o segundo grau de abstração com o primeiro, como os jônicos confundiram o grau de abstração da física com a metafísica.

6.2.3. Os eleatas.

Cabe a escola de Eléia o mérito de ter elevado o pensamento grego ao nível próprio da Metafísica e ao grau de abstração que comporta esta ciência, embora não tenha conseguido se manter na verdade.

O filósofo mais profundo dessa escola foi **Parmênides**. (Este ultrapassando o mundo das aparências sensíveis e até o próprio mundo dos números e das formas ou essências metafísicas, chegou ao que nas coisas é objeto da inteligência: o ser.) Essa ideia de ser fascina **Parmênides** como a mutação cativava Heráclito.

Contudo ao contemplar o ser, compreende que este Ser puro é perfeitamente uno, e perfeitamente imutável, eterno e sem começo, incorruptível, indivisível, intacto e todo inteiro em sua unidade, em tudo igual a se mesmo, infinito³⁰. Com isso descobre os atributos d'Aquele que é, mas nega a admitir que qualquer outro ser possa existir. Para ele é um escândalo algo existir misturado com o nada.

Daí por diante fica desorientado e atribui ao ser do mundo o que é próprio do Ser incriado. Para não abandonar aquilo que julga ser próprio das exigências do ser, Parmênides (prefere negar heroicamente o testemunho dos sentidos e declarar que no mundo não há mudança nem multiplicidade.) O movimento, o vir-a-ser, a mudança é apenas uma aparência ilusória. Nada mais existe além do Ser e do Uno.

Questionário 6.

1. Por que os sentidos eram importantes para os jônios? Qual o seu grau de abstração?
2. O que era o arché?
3. Exponha o pensamento de Anaxímenes.
4. Qual era o primeiro princípio para Heráclito e como via o problema da mudança?
5. Qual era o primeiro princípio para Anaximandro? Explique.
6. Qual a importância de Anaxágoras no pensamento grego?
7. Qual o valor de Pitágoras para o pensamento grego? Qual o grau de abstração dos pitagóricos?
8. Qual o valor e qual o limite do pensamento de Parmênides?

6.3. Os Sofistas e Sócrates.

6.3.1. Os sofistas.

²⁹ A Escola Pitagórica e as atividades se viram desde então envoltas por um véu de lendas. Foi uma entidade parcialmente secreta com centenas de alunos que compunham uma irmandade religiosa e intelectual. Entre os conceitos que defendiam, destacam-se: prática de rituais de purificação e crença na doutrina da metempsicose, isto é, na transmigração da alma após a morte, de um corpo para outro. Portanto, advogavam a reencarnação e a imortalidade da alma; lealdade entre os membros e distribuição comunitária dos bens materiais; austeridade, ascetismo e obediência à hierarquia da Escola; proibição de beber vinho e comer carne.

³⁰ Simplicio, Phys, 144, 25-145 23 (Diel, frag. 8, 22).

Os sofistas se compunham de grupos de mestres que viajavam de cidade em cidade realizando aparições públicas (discursos, etc.) para atrair estudantes, de quem cobravam taxas para oferecer-lhes educação. O foco central de seus ensinamentos concentrava-se no ^(PALAVRAS) *lógos* ou discurso, com foco em estratégias de argumentação. Os mestres sofistas alegavam que podiam "melhorar" seus discípulos, ou, em outras palavras, que a "virtude" seria passível de ser ensinada.

A principal doutrina sofística consiste em uma visão relativa de mundo (o que os contrapõe a Sócrates que, sem negar a existência de coisas relativas, buscava verdades universais e necessárias). A principal doutrina sofística pode ser expressa pela máxima de Protágoras: *"O homem é a medida de todas as coisas".*

Assim podemos afirmar com Maritain que a sofística não é uma doutrina, antes é a atitude viciosa do espírito³¹. Os sofistas não usavam o objeto do seu conhecimento como fim e regra de sua ciência, mas submetiam o que é ao seu interesse. Aqui está o seu relativismo. Podemos enumerar algumas de suas características seguindo a exposição de Maritain³²:

- a) Eram professores ambulantes que recolhiam honras e dinheiro, enciclopedistas, conferencistas, jornalistas se assim podemos super-homens ou diletantes.
- b) Eram tudo menos sábios, pois haviam renunciado à verdade.
- c) Queriam as vantagens da ciência para possuir poder e dominação ou prazer intelectual.
- d) Davam explicações falsamente claras para todas as coisas.
- e) Pretendiam reformar tudo, até mesmo as regras da gramática e o gênero dos substantivos.
- f) Faziam-se passar por professores da virtude.
- g) Diferentemente de seus antecessores que tiveram falta de disciplina intelectual, os sofistas usaram de modo deliberado o engano criando intencionalmente os sofismas ou falácias.
- h) Declaravam que toda lei imposta aos homens era uma convenção arbitrária. *(a lei tem que valer de acordo com a natureza humana)*
- i) Não tendiam para aquilo que é. Acreditavam na ciência, sem crer na verdade.
- j) A sofística assim chegou ao que chamamos de relativismo e ceticismo. Protágoras afirmava que o homem é a medida de todas as coisas, isto significava que o verdadeiro é aquilo que parece ao sujeito, daí o subjetivismo. Este evidentemente desemboca no relativismo. Górgias por sua vez dizia que "o ser não é" e como consequência o não-ser é. 13/7

6.3.2. Sócrates³³.

Sócrates é um personagem central na filosofia grega. Maritain³⁴ afirma categoricamente que Aristófanes o confundia com os sofistas, pois passava seu tempo conversando com os jovens e isto era feito pelos sofistas para perverter os pensamentos dos jovens desde cedo. Os sofistas pretendiam saber tudo e isto os fazia parecidos com os verdadeiros filósofos, mas a grande diferença é que não acreditavam na verdade. Este era o desafio de Sócrates: *frear o pensamento e orientá-lo para a verdade.*

O papel de Sócrates não era fazer metafísica, nem construir um sistema, mas corrigir os vícios de pensamento que os sofistas haviam criado. Para isso precisava fazer que as inteligências trabalhassem. Visa, (sobretudo o problema moral, a conduta humana.) Afirma que "devo fazer o que é útil – verdadeiramente útil". Contudo o útil ao homem deve ser determinado por um Bem absoluto e incorruptível. Desse modo se distancia de qualquer utilitarismo. Como se pode observar o útil aqui

³¹ Opera Cit, p. 45.

³² Idem.

³³ Sócrates [em grego antigo: Σωκράτης, transl. *Sōkrátēs*] (Atenas, 469 a.C. — Atenas, 399 a.C.^[1]), foi um filósofo ateniense, e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental^[2]. É considerado por muitos filósofos como o modelo de filósofo. Foi o professor de Platão, um dos filósofos mais influentes de todos os tempos

³⁴ Opera Cit, p. 47

não está subordinado a bens inferiores. Chega então à ordem metafísica ao afirmar o bem honesto e dos nossos interesses eternos. Engana-se, entretanto, ao afirmar que a virtude se identifica com a ciência, de modo que todo pecador não passa de um ignorante³⁵. Sócrates se opõe frontalmente aos sofistas com sua base metafísica e científica e Maritain o considera o fundador da ciência moral³⁶.

↳ CONHECER → AGIR

Assim a preocupação com a verdade e o ser levaram Sócrates à preocupação com o autoconhecimento. William Batista³⁷ recorda como Sócrates utilizou uma antiga inscrição gravada no pórtico do templo de Apolo: conhece-te a ti mesmo. No confronto com os sofistas Sócrates fez surgir dois novos métodos: a ironia e a maiêutica. Através da expressão “sei que nada sei” desmontava as certezas de seus opositores para levá-los a libertarem-se da ignorância. Já com a maiêutica (parto das ideias) era o esforço de tirar de dentro de seus ouvintes o saber. Aqui temos raízes para a teoria da reminiscência.³⁸

A tarefa de Sócrates é (disciplinar a inteligência e fazer com que tome atitudes que conduzam à verdade.) Era preciso primeiro, porém, purificar os espíritos da falsa ciência. Aqui é que entram os seus métodos de ironia e maiêutica. Assim com a maiêutica Sócrates faz a inteligência de seus interlocutores ter um papel fundamental para despertar a recordação adormecida. Daqui Platão mais tarde tirará a sua celebre teoria das reminiscências.

Com a maiêutica Sócrates determina com precisão o objeto da inteligência, ensinando-lhe a procurar as essências e as definições das coisas. Por isso Maritain³⁹ diz que (a filosofia de Sócrates é a filosofia das essências) pois Sócrates exige que se distinga o essencial do accidental. Este é o trabalho de chegar ao conceito que define o que uma coisa é. Com este trabalho entra no campo da lógica. Se não faz silogismos perfeitos, já trabalha a disciplina da razão que mais tarde Aristóteles aperfeiçoará com as regras do silogismo.

Sócrates podia ter ares de cético, ele mesmo dirá “sei que nada sei”, contudo mostrava ter também uma invencível confiança na razão e na ciência. Reconhece os limites da inteligência, mas procura progredir na medida em que se apossa da verdade, buscando em seguida alcançar uma nova verdade. Maritain diz que ele é o “mestre do espírito científico”⁴⁰ que será conhecido como intelectualismo minucioso.

Apesar desse grande trabalho Sócrates apenas dá início a uma nova fase da filosofia. Depois de sua morte sua obra ainda está incompleta como afirma Maritain. É preciso agora organizar o pensamento numa doutrina. A obra de um sistema filosófico será trabalho para outros dois grandes pensadores: Platão e Aristóteles. É isso que passamos a estudar agora.

6.4. Platão.

Este é o socrático por excelência. Houve outros socráticos chamados de menores que se prenderam apenas a alguns aspectos do pensamento de Sócrates. Platão esforçou-se para fazer uma síntese do pensamento grego. Maritain⁴¹ diz que com Platão a filosofia torna-se senhora de si mesma. A filosofia de Platão é antes de tudo a filosofia das ideias. Aqui temos a herança deixada por Sócrates que acreditava nas essências, pois discutia sempre a favor da verdade. Em Platão as ideias serão estimadas a um tal ponto que serão superiores à realidade, aliás serão elas a realidade.

³⁵ MARITAIN, Jacques, Opera Cit., p.48.

³⁶ Idem.

³⁷ BATISTA, William, *O devir da verdade*, Letra Capital, 2012, Rio de Janeiro, p.40.

³⁸ Idem, p. 41.

³⁹ MARITAIN, Jacques, Opera Cit., p.49.

⁴⁰ Idem, p.50.

⁴¹ Idem, p.52.

Platão afirma a existência das ideias em um mundo à parte. As realidades de nosso mundo material são cópias do mundo das ideias. Esta teoria aparece no “Mito da Caverna” obra de Platão que fala de homens acorrentados numa caverna olhando para o fundo da mesma. Conhecem as realidades externas pelas sombras projetadas no fundo da caverna por aqueles que passam fora da caverna. Assim ele compara o nosso conhecimento com o conhecimento desses que estão dentro da caverna. Tudo isso tem base também na sua antropologia. A título de ilustração, vejamos a adaptação de Mauricio de Souza do mundo das Ideias “As sombras da vida”:

Podemos enumerar alguns pontos importantes de seu pensamento em relação ao homem e ao conhecimento:

- a) O homem é sobretudo sua alma. → A REALIDADE!
- b) Esta teve uma existência anterior no mundo das ideias.
- c) O corpo é inferior e, ao entrar no corpo, a alma tem como que um esquecimento de sua vida anterior.
- d) Platão chama o corpo de “cárcere da alma”. O corpo é, portanto, um elemento que dificulta a ação da alma.
- e) Para recuperar o conhecimento anterior, o homem possui os sentidos. Através do contato com a realidade o homem se recorda desse conhecimento. São as reminiscências.
- f) Assim o conhecimento não é a aquisição de uma nova ideia, mas a recordação de ideias que a alma já possuía por sua pré-existência.
- g) Essas ideias são chamadas de ideias inatas.

Platão não chega a afirmar que a realidade é puro “vir a ser” como queria Heráclito, mas considera as realidades sensíveis como cópias enganadoras da Realidade que é o mundo das ideias. Com essa metáfora do “Mito da Caverna” tenta explicar o conhecimento. Maritain⁴², porém pergunta se uma metáfora pode valer por uma explicação? Afirma ainda que os erros de Platão derivam sobretudo de sua paixão pela matemática que o leva ao desprezo da realidade empírica.

Esses são alguns aspectos da doutrina de Platão que, evidentemente, não podemos aprofundar aqui. Passemos agora ao seu discípulo Aristóteles.

Após a morte, há a transmissão da alma.

6.5. Aristóteles. *o maior filósofo de todos*

Aristóteles é aquele que fez uma grande síntese de todo o pensamento grego até então e buscou responder às grandes questões levantadas pelos antigos. Maritain⁴³ afirma que Aristóteles fundou para sempre a verdadeira filosofia. Seguiu durante vinte anos as lições de Platão, mas {como discípulo crítico refutou o idealismo platônico em prol do realismo.} Fez uma poderosa reelaboração de toda a filosofia grega. Maritain afirma que a filosofia antes de Aristóteles estava em estado embrionário.

Uma das diferenças fundamentais entre Aristóteles e Platão é justamente no campo das ideias. Para Platão, como vimos, elas têm uma preexistência. Para Aristóteles a mente é tábula rasa, ou seja, no princípio não há nenhuma ideia na mente, nem mesmo adormecida. Não há o mundo das ideias, pois o lugar das ideias é na mente.

Aristóteles é o (verdadeiro fundador da física,) pois demonstrou que há nas coisas que mudam leis que não mudam e distinguiu as quatro espécies de causa que estão empenhadas no mundo sensível (causa final, causa eficiente, causa formal e causa material).

Ex.: COMPUTADOR

Também na formação das ideias encontramos diferenças. Aristóteles segue Platão no sentido que vê nos sentidos o veículo para a formação das ideias, mas não como algo ligado às reminiscências e

⁴² Idem, p. 53.

⁴³ Idem, p. 57.

A NOSSA INTELIGÊNCIA É IMATERIAL!

sim como o contato com o real que forma a ideia. Assim Aristóteles afirma: “nada está na inteligência que não tenha passado antes pelos sentidos”.

A doutrina de Aristóteles sobre o conhecimento se baseia na capacidade que a inteligência tem de abstrair o inteligível que está nas coisas, o que chamou de forma. Assim os sentidos são a base para o conhecimento. Por isso Aristóteles foi considerado empirista, pois valorizava a experiência dos sentidos. Aqui temos a doutrina do hilemorfismo, ou seja, a realidade corpórea é composta de matéria e forma.

Também o problema da mudança é resolvido por Aristóteles com (a doutrina de ato e potência.) A mudança é a passagem da potência ao ato. O ser muda de acordo com a sua natureza, ou seja, tem potências próprias que derivam de sua natureza. Maritain afirma que Aristóteles é ao mesmo tempo um espírito excepcionalmente positivo e excepcionalmente metafísico. Lógico rigoroso, mas também realista sempre alerta. Não deformava a realidade, mas acolhia no pensamento as variedades de ser.

→ perfeição do ser



Podemos agora estabelecer uma comparação entre o pensamento de Aristóteles e o pensamento de Platão:

- Platão afirma que o homem conhece por reminiscências, ou seja, ele se recorda das ideias que conheceu numa existência anterior no mundo das ideias. Aristóteles afirma que o homem diante da realidade forma a ideia por abstração. No princípio a inteligência é “tábua rasa”.
- Platão considera que o homem é a sua alma, Aristóteles vê o homem como uma unidade substancial na qual o corpo é a sua matéria e a alma a sua forma.
- Platão afirma que o corpo é o cárcere da alma e os sentidos servem para despertar as ideias, Aristóteles afirma que os sentidos são usados como o primeiro contato com a realidade “nada está na mente que não tenha passado antes pelos sentidos”.
- Platão, como vimos, afirma a existência de ideias inatas que vem do mundo das ideias, Aristóteles afirma que o lugar das ideias é a mente.

Disto tudo podemos ver a grande diferença entre estes dois grandes pensadores da filosofia grega. (Em Platão) temos a raiz do idealismo que tomará formas novas em outras fases da história da filosofia. Contudo é preciso dizer que Platão considerava a realidade apesar de valorizar as ideias a ponto de considerar um mundo separado onde elas existissem. Na verdade, era um modo de garantir a verdade diante do relativismo dos sofistas.

(Já Aristóteles) concentrou-se mais na realidade e a observando não precisou recorrer a um mundo separado de ideias, mas apenas reconheceu o papel do intelecto que em contato com o ser obtém o

seu conhecimento por abstração. Assim pode afirmar que o lugar próprio das ideias é a mente e não um mundo separado.

Questionário 7

1. Exponha as características dos sofistas.
2. Exponha os principais pontos do pensamento de Sócrates.
3. Qual foi a teoria do conhecimento de Platão?
4. Qual foi a teoria do conhecimento de Aristóteles?
5. Cite duas doutrinas importantes de Aristóteles.
6. Cite algumas diferenças entre o pensamento de Platão e Aristóteles.

7. A filosofia na Idade Média.

7.1. Patrística.

Patrística é o nome dado à filosofia cristã dos primeiros sete séculos, elaborada pelos Padres ou Pais da Igreja, os primeiros teóricos, daí "Patrística", que consiste na elaboração doutrinal das verdades de fé do Cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos "pagãos" e contra as heresias. Aqui está a origem da filosofia cristã.

Foram os pais da Igreja responsáveis por confirmar e defender a fé, a liturgia, a disciplina, criar os costumes e decidir os rumos da Igreja, ao longo dos sete primeiros séculos do Cristianismo. É a Patrística, basicamente, a filosofia responsável pela elucidação progressiva dos dogmas cristãos e pelo que se chama hoje de *Tradição Católica*.

Os critérios para se afirmar que alguém é Padre da Igreja são os seguintes:

- a) Antiguidade – O autor deve ter vivido no período antigo. Os estudiosos entendem que o período seria até o sexto século. Alguns, porém, levam em conta a importância do autor e estendem um pouco mais este período, mas não é o consenso da maioria dos estudiosos.
- b) Ortodoxia – Essa palavra significa doutrina certa. Assim os Padres da Igreja proclamaram a verdadeira doutrina sempre de acordo com o ensinamento da Igreja. Isto não quer dizer que revendo seus escritos não encontremos nenhum erro doutrinal, pois podem ter emitido opiniões em assuntos que ainda não tinham uma definição dogmática da Igreja.
- c) Santidade de vida – esse critério expressa a coerência de seus ensinamentos com a própria vida. Seguir a verdade foi na antiguidade, a exceção dos sofistas, um grande valor. Muito mais para a filosofia cristã o testemunho seria de grande valor.
- d) Aprovação eclesiástica – Evidentemente se os Padres são os pais da doutrina que será abraçada pela Igreja é esta que deve afirmar quais são aqueles que realmente foram fiéis ao seu pensamento e aprofundaram os seus valores.

13/05/25
Como dissemos, a Patrística é a nascente da filosofia cristã e Boehneur e Gilson nos apresentam uma definição de filosofia cristã que pode ilustrar o trabalho dos Padres da Igreja:

É cristã toda filosofia que, criada por cristãos convictos, distingue entre os domínios da ciência e da fé, demonstra suas proposições com razões naturais, e, não obstante vê

Porque filosofia cristã? Porque usa a razão natural para chegar à verdade, mas é feita por visões. Um de argumentos racionais e não da revelação.

na revelação cristã um auxílio valioso, e até certo ponto mesmo moralmente necessário para a razão.⁴⁴

Podemos ainda mencionar algumas características da filosofia cristã que nos apresentam Boehneur e Gilson⁴⁵. São as seguintes:

- a) Uma filosofia cristã consta exclusivamente de proposições susceptíveis de demonstração natural.
- b) Uma filosofia cristã jamaiz irá de encontro às verdades de fé claramente formuladas pela Igreja.

Este será um período fecundo no pensamento no qual serão aprofundadas as verdades de fé com base na razão, já que a sabedoria cristã não só não suprime a razão, mas a pressupõe para seu trabalho. Muitos são os pensadores deste período, mencionaremos apenas aquele que certamente foi seu grande expoente: Santo Agostinho.

7.2. Santo Agostinho (354 – 430).

Para muitos, Agostinho é o grande mestre da filosofia cristã. Não fez um sistema filosófico propriamente dito, como muitos dentro da filosofia cristã. Isto porque seu espírito estava sempre em busca de conhecer novos conhecimentos sobre o homem e Deus e assim não se preocupava na elaboração de uma síntese. Viveu longe do cristianismo apesar da devoção de sua mãe Santa Monica. Sua aproximação à fé cristã dá-se, sobretudo pela figura de Santo Ambrósio. Assim renunciará ao materialismo, ao ceticismo e ao racionalismo pela convicção da experiência da verdade. Seu caminho será o do Neoplatonismo que herda de Santo Ambrósio.

É interessante notar que na sua refutação ao ceticismo antecipa aquilo que chamaria a atenção de Descartes, o Cogito, o que nos faz questionar a novidade pretendida pelo “pai da modernidade”. Nos Solilóquios, onde Agostinho examina a questão da imortalidade nos deparamos com questões importantes como nos recordam Boehneur e Gilson⁴⁶. Assim argumenta Santo Agostinho sobre o Cogito: “Tu que desejais conhecer-te a ti mesmo, sabes quem és? – Sei – Por onde o sabes? – Não sei – Sabes que és movido? – Não – Sabes que pensas? – Sei – Logo é verdade que Pensas? Sim.” Assim Santo Agostinho fundamenta a verdade na existência do sujeito vivente e pensante. Como veremos adiante esse é o argumento de Descartes, “penso logo existo”, que será a base para a nova filosofia.

Mais ainda no *De Trinitate* ainda será mais claro o argumento da dúvida universal. Santo Agostinho argumenta assim: “Quem duvidará que vive, que recorda, que entende, que quer, que pensa, que sabe e que julga? Pois se duvida vive; se está em dúvida acerca daquilo que duvida, lembre-se (ou tem consciência disso); se duvida sabe que está duvidando; se duvida, é porque quer ter certeza; se duvida pensa; se duvida, sabe que não sabe; se pudesse duvidar de tudo o mais, disto não se pode

↳ contra os cépticos!

⁴⁴ BOEHNEUR, Philotheus, GILSON, Etienne, *História da Filosofia Cristã*, Vozes, Petrópolis, 1970, 12ª Edição, p. 9.

⁴⁵ Idem, p. 9-10.

⁴⁶ Ibidem, p. 150.

duvidar. Caso contrário, já não haveria do que duvidar, o que tornaria impossível a própria dúvida⁴⁷.

Importante também é mencionar a doutrina da iluminação de Santo Agostinho. Para santo Agostinho o conhecimento humano tem três operações: a dos sentidos, a da razão inferior e a da razão superior. O conhecimento sensitivo das cores, odores, etc. é obtido pelos sentidos que não são a sua causa principal, pois o sentir não é do corpo, mas da alma. Importante é sua afirmação: "De todos os objetos sensíveis a alma recebe a imagem, não a eles mesmos"⁴⁸. Já o conhecimento das verdades eternas não é obtido por meio da reminiscência, como queria Platão, mas pela iluminação. Santo Agostinho não admite o Hiperurânio de Platão. Assim afirma uma luz incorpórea mediante a qual Deus irradia na mente humana as verdades absolutas e eternas.

* cada coisa recebe a imagem de um sentido. ouvido → audição

§ HOMILIA PAPA BENTO XVI

7.3. O argumento de Santo Anselmo (1033 – 1109).

Santo Anselmo é certamente o maior pensador do século XI

→ SER

Santo Anselmo propôs o argumento que Kant mais tarde daria o nome de ontológico. Com esse argumento ele queria provar a existência de Deus com base apenas nesse próprio argumento. É uma argumento de índole idealista, pois baseia-se somente na própria ideia do ser perfeito ou "aquele ser que não se pode conceber nada que seja maior". Santo Anselmo argumentava que se a ideia de Deus é o ser perfeito, o ser que contém todas as perfeições, então não poderia lhe faltar a perfeição da existência. Assim afirmava a existência de Deus necessariamente pela própria ideia de Deus.

Em seu *Proslógio*, Anselmo tentou encontrar um único argumento que não precisava de nada além de si próprio como prova, que seria suficiente em si mesmo para mostrar que Deus realmente existe; que ele é a bondade suprema dependente de nada mais, mas do qual tudo depende para existir ou para seu bem-estar. Estudiosos medievais chamaram-no de "*ratio Anselmi*" ("argumento de Anselmo"). Immanuel Kant posteriormente chamou-o de "argumento ontológico". Anselmo definia sua crença na existência de Deus utilizando a frase "*aquele que não se pode conceber nada que seja maior*". Ele argumentava que, se "*aquele que não se pode conceber nada que seja maior*", existisse apenas no intelecto, ele próprio não seria "*aquele que não se pode conceber nada que seja maior*", uma vez que se pode conceber que exista na realidade, que é maior que o intelecto apenas. Segue daí, segundo Anselmo, que "*aquele que não se pode conceber nada que seja maior*" deve existir na realidade. A maior parte do "*Proslógio*" é dedicada à tentativa de Anselmo de estabelecer a identidade "*daquele que não se pode conceber nada que seja maior*" como sendo Deus, estabelecendo assim que Deus existe de fato.

A prova ontológica de Anselmo tem sido objeto de controvérsia desde que foi publicada pela primeira vez na década de 1070. Ela foi combatida na época pelo monge Gaunilo em sua "*Liber pro Insipiente*", onde argumentava que humanos não podiam passar do intelecto para a realidade. A resposta de Anselmo veio em sua "*Responsio*". A crítica de Gaunilo foi depois repetida muitas vezes por filósofos posteriores, entre eles Tomás de Aquino e Kant.

7.4. São Tomás de Aquino (1225 – 1274)

⁴⁷ AGOSTINHO, Sto., De Trinitate, X, 10; 981, in BOEHNEUR, Philotheus, GILSON, Etienne, *História da Filosofia Cristã*, Vozes, Petrópolis, 1970, 12ª Edição, p. 150.

⁴⁸ AGOSTINHO, Sto., De Civitate Dei, XI, 26.

Na opinião de BOEHNEUR e GILSON⁴⁹ a importância de São Tomás de Aquino deve ser medida, não à luz do triunfo do tomismo posterior, e sim somente à luz do ambiente histórico do séc. XIII. Continuando o trabalho de Santo Alberto Magno, São Tomás consolida uma retomada do aristotelismo. É verdade que já havia o trabalho de Averróis e Avicena, árabes que haviam estudado Aristóteles. Essa importância já se pode notar se temos em conta que em um sínodo parisiense celebrado em 1210 foi interditado Aristóteles, proibindo a sua leitura sobretudo de Filosofia natural, comentários árabes, entre outros, nem publica, nem privadamente⁵⁰. Essa proibição pode nos dar a dimensão do trabalho e da importância de São Tomás na retomada do pensamento aristotélico.

Evidentemente o trabalho de São Tomás foi antecedido por mestres dominicanos e franciscanos. Destacamos como já dissemos o trabalho de Santo Alberto Magno de quem São Tomás foi aluno durante quatro anos em Colônia, depois de ter passado três anos em Paris. São Tomás terá sempre um crescimento do prestígio de ensino reconhecido pela Igreja como o Papa Leão XIII e também no concílio Vaticano II entre outros. Para esta introdução, porém, basta dizer que São Tomás foi um teólogo sobretudo, mas que construiu sua ciência com uma forte base filosófica, e fez também uma grande síntese do pensamento até então citando inúmeros pensadores corrigindo, ratificando e retificando posições filosóficas e teológicas, num intenso debate que se apresenta na Suma Teológica e outras inúmeras obras.

A produção bibliográfica de Santo Tomás forma um conjunto que foi classificado em cinco grandes grupos, consoante natureza das obras: a) comentários à *Sagrada Escritura*, que agrupa cerca de dez grandes obras; b) comentários a Aristóteles¹³, treze; c) obras sistemáticas, o conjunto de maior abrangência temática, cinco; d) opúsculos, cerca de ¹⁴quatro dezenas; e) obras ¹⁵várias. Em seguida, uma breve apresentação de algumas dessas obras, dentro dos cinco grandes grupos aqui apresentados.

Dentre muitas coisas podemos ainda destacar a posição de São Tomás em relação ao conhecimento. São Tomás assume a posição realista de Aristóteles, mas de certo modo, não nega a teoria da iluminação de Santo Agostinho, no sentido de que Deus ilumina o homem, não por uma iluminação direta a cada conceito, mas pela própria natureza da inteligência humana. Podemos dizer que (o que há de inato no homem não são as ideias, mas a inteligência.) O intelecto é inato e através dele o homem conhece toda a realidade.

Outros ensinamentos importantes de São Tomás serão apresentados nos cursos de Introdução ao Tomismo e História da Filosofia, pois trata-se de um grande mestre da filosofia e da teologia e evidentemente é um dos maiores escritores eclesiásticos de todos os tempos com os títulos de Doutor Angélico e Doutor comum da Igreja.

7.5. Guilherme de Ocham.

Guilherme de Ocham foi um filósofo e frade franciscano da Idade Média decadente. Este período é assim chamado porque é marcado pela decadência do pensamento escolástico. Na verdade, Guilherme Ocham é um crítico de uma base fundamental do pensamento aristotélico-tomista, a saber, a doutrina da abstração. O ¹⁶arceopágita ao criar esta doutrina afirmava o conhecimento das formas universais, ou seja, ao conhecermos as realidades singulares temos acesso também ao universal que nos faz reconhecer outras realidades singulares da mesma natureza.

⁴⁹ BOEHNEUR, Philotheus, GILSON, Etienne, Opera Cit., p.447.

⁵⁰ SARANYANA, Josep-Ignasi, *Filosofia Medieval, das origens patrísticas à escolástica barroca*, Tradução Fernando Salles, IBFC "Raimundo Lúlio", São Paulo, 2006, p.261.

22/05/25

de mão universal

Para Ocham o conhecimento é sempre singular. Ocorre que, ao conhecermos os singulares podemos encontrar características semelhantes com outros singulares e assim classificamos estas realidades numa mesma natureza. Desse modo damos nomes a estes singulares semelhantes. Daí essa doutrina ser chamada de Nominalismo. Com essa doutrina se cria a "crise dos universais", ou seja, a negação da existência das essências universais. O conhecimento é reduzido ao campo dos singulares.

A base para o surgimento do Nominalismo está radicada no pensamento de outro filósofo franciscano: Duns Escotos. Este afirmava a doutrina do voluntarismo pela qual a vontade é determinante em relação à razão. Guilherme de Ocham recorre ao voluntarismo para afirmar que não podem existir as formas universais, pois estas seriam uma limitação da liberdade de Deus. Deus que criou tudo pode mudar arbitrariamente toda a realidade. Ora isto não é necessário para afirmar a liberdade divina, pois se ele cria livremente, se ele estabelece livremente as regras da natureza, de modo nenhum, sua liberdade fica limitada por criar o mundo com essas essências universais. Na verdade Deus cria e sustenta o ser, sem excluir uma certa evolução.

Com essa doutrina; Guilherme de Ocham preparou o caminho para a filosofia moderna. Caberia a Renée Descartes elaborar uma nova filosofia, com novas bases, visto que o pensamento clássico era colocado em cheque. Será justamente com(o problema da dúvida) que Descartes construirá o alicerce para a sua filosofia.

Questionário 8

1. Quais são características para que alguém seja considerado Padre da Igreja?
2. Quais são as características da filosofia cristã?
3. De que modo se pode dizer que Santo Agostinho já antecipava o argumento do Cogito de Descartes?
4. O que é a doutrina da iluminação de Santo Agostinho? Como ele aplica em seu ensinamento o mundo das ideias?
5. Exponha o argumento ontológico de Santo Anselmo? Você concorda com ele? Explique.
6. Em São Tomás de Aquino qual é a luz que ilumina o homem no conhecimento?
7. Explique a doutrina do Nominalismo de Guilherme de Ocham.

8. A filosofia na Idade Moderna.

8.1. Descartes.

Pode ser considerado o "pai da modernidade" ao menos no campo filosófico. Propõe uma revisão de toda a filosofia, ou melhor, um reinício em seu livro o "Discurso do método". Observando as construções quando está na Alemanha chega a convicção de que as construções feitas por um só arquiteto têm uma unidade e perfeição do que as construções que são reformadas e, portanto, obra de muitos arquitetos. O mesmo ele deseja fazer com a filosofia. Construir uma nova filosofia libertando-se de todas as opiniões anteriores. Evidentemente ele pretende ser o arquiteto dessa nova filosofia. Pretende mesmo começar do princípio esta filosofia.

(SOBERBA)

Estabelece então princípios para seu pensamento: Primeiro não aceitar coisa nenhuma que não conhecesse como evidente; segundo¹⁾ dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas pudessem ser e fossem exigidas para melhor compreensão; terceiro²⁾ conduzir por ordem seus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de serem conhecidos para subir até o conhecimento dos mais compostos; por último fazer enumerações tão completas e revisões tão gerais que ficasse certo de nada omitir.⁵¹

⁵¹ DESCARTES, R., *Discurso do Método*, Edipro, São Paulo, p.63-64. Essas quatro regras são conhecidas como: 1) A da evidência; 2) a da divisão ou análise; 3) a da ordem ou dedução; e 4) a da enumeração.

Descartes herda a suspeita a respeito do conhecimento que vem do nominalismo do final da Idade Média. Assim pretende chegar à certeza, aliás, ~~{preza mais a certeza que a verdade.}~~ Propõe então, que as ideias devem ser claras e distintas. Para esse intento usa a dúvida. É duvidando que pretende chegar à certeza.

1. Não se pode confiar nos sentidos, pois os sentidos enganam⁵². Em sua obra “Meditações Metafísicas”, mais precisamente na Meditação primeira, propõe três modos de duvidar da realidade: sua argumentação é que algumas vezes os sentidos enganam. Assim é preciso duvidar das informações que recebemos dos sentidos. O aluno pode notar que esta posição é contrária ao pensamento de Aristóteles que afirmou “nada está na inteligência que não tenha antes passado pelos sentidos”. Será que Descartes tem razão? Muitas vezes os sentidos parecem nos dar uma informação errada. Santo Agostinho falava do bastão mergulhado na água que parece quebrado, por exemplo.

Não devemos, porém, concordar com Descartes, pois os sentidos não enganam de *per se*, mas apenas *per accidents*, ou seja, não são feitos para enganar. Os sentidos apenas informam. É a inteligência que deve analisar a informação dos sentidos e julgar. Assim no exemplo acima o bastão não está quebrado, é uma ilusão que a inteligência pode corrigir vendo que há um fenômeno ilusório pela mudança de meio, ou seja, a água.

→ em si mesmos!

2. Descartes prossegue duvidando da realidade. Agora aborda o problema do sono e da vigília⁵³. Como saber se estou acordado ou dormindo. Quando alguém sonha tudo lhe parece real, então também posso duvidar da realidade, pois tudo pode ser um sonho. Descartes mais uma vez exagera em sua posição cética, pois é verdade que temos impressões no sonho de realidade, mas ninguém pensa estar sonhando na vigília.
3. Não bastando ainda duvidar dessas duas formas, Descartes propõe a hipótese do Gênio Esperto, depois de descartar a ideia de um Deus enganador⁵⁴. Tudo que vemos e conhecemos seriam obras deste Gênio para nos enganar. Aqui o seu ceticismo toma vulto para duvidar de toda a realidade externa o que é absurdo.

Não devemos pensar, porém, que Descartes não se dá conta da dificuldade em aceitar todas essas dúvidas, mas o que quer é não deixar nada sem ser questionado. A dúvida se torna para ele o meio para chegar à certeza. Contudo como superar este estado de dúvida? Chegamos a uma situação que o homem parece fechado dentro de si mesmo. A saída que Descartes encontra é que pode duvidar de tudo menos que atualmente está duvidando, porque se duvido penso, se penso logo existo⁵⁵. Assim, Descartes encontra a sua ideia fundamental, clara e distinta, como o seu princípio fundamental.

Deve-se observar que o método de Descartes é da dúvida metódica e, portanto, faz da dúvida o meio para chegar à certeza. Não se trata de uma dúvida universal, mas, de outra parte, concretamente duvida da realidade radicalmente o que não é possível. Não se pode negar a objetividade dos sentidos. Descartes, como ensina Gilson queria a intuição e não o raciocínio. Isto também foi afirmado por

⁵² “Tudo o que recebi até o presente como mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos; ora, algumas vezes experimentei que tais sentidos eram enganadores e é de prudência jamais confiar inteiramente naqueles que uma vez nos enganaram”. DESCARTES, R., *Meditações Metafísicas*, Martins Fontes, 2011, São Paulo, p.31.

⁵³ “Pensando nisso cuidadosamente, lembro-me de ter sido frequentemente enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões”. DESCARTES, R., *idem*, p.33.

⁵⁴ “Há não um verdadeiro Deus que é a soberana fonte de verdade, mas certo gênio maligno, não menos astuto e enganador que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que todas as coisas exteriores que vemos não passam de ilusões e enganos”. DESCARTES, R., *idem*, p. 38.

⁵⁵ “E notando essa verdade, penso logo existo, era tão firme e tão certa que todas as extravagantes suposições dos céticos não eram capazes de abalar, julguei que podia aceita-la, sem escrúpulo, como primeiro princípio da filosofia que procurava”. DESCARTES, R., *Discurso do Método*, Ediouro, São Paulo, p.86.

Maritain quando falou da “encarnação do anjo”⁵⁶. Descartes tratou do homem como intuição, ou seja, uma visão direta sem a intermediação dos sentidos.

Como um balanço final devemos dizer que em Descartes (se inicia um subjetivismo que crescerá sempre mais com o avanço da filosofia moderna.) Também se estabelece uma nova forma de ceticismo e idealismo. Descartes erra em duvidar dos sentidos e da realidade e sua postura influenciará o mundo moderno e repercutirá até nossos dias.

8.2. Kant.

Kant é o filósofo da crítica por excelência. Escreveu duas obras importantes a esse respeito: “Crítica da razão prática” e “Crítica da razão pura”. Aqui nos interessa mostrar a sua teoria do conhecimento. Após a dúvida cartesiana, estamos diante de uma nova forma de ceticismo. Kant afirma que a inteligência não pode alcançar a essência das coisas, ou no seu vocabulário, ao *numenon*, mas somente ao *fainomenon*, o fenômeno, isto é a manifestação do ser, que não é o ser.)

Esta posição é ao mesmo tempo favorável ao conhecimento e *cética*. Afirma que se pode conhecer, mas apenas o fenômeno. Garante, por outro lado, que não se pode conhecer o ser, a essência mesmo da realidade. Assim, mesmo que não o diga diretamente, introduz o subjetivismo e por consequência o relativismo.

Kant introduz o subjetivismo porque ao afirmar que conhecemos o fenômeno, limita o conhecimento humano e se não chegamos a coisa em si, o que conhecemos? O fenômeno, algo que se manifestou da realidade, mas não ela mesma. Se não conhecemos o real, como podemos ter certeza que o que os outros conhecem é o mesmo que nós conhecemos?

Assim também o conhecimento entra numa dimensão de relativismo. Se não conhecemos o ser, não podemos afirmar propriamente a verdade e sem essa o conhecimento se torna relativo, abrindo assim a possibilidade para interpretações diversificadas da mesma realidade. A verdade passa a ser a adequação do conhecimento ao próprio conhecimento e não à realidade. Desse modo podemos dizer que sob certo ponto de vista, Kant é favorável ao conhecimento, mas de outra parte pode ser classificado como cético, pois limita a possibilidade do conhecimento. Daí falarmos de um ceticismo moderado ou mitigado, ou seja, afirma o conhecimento (do fenômeno), e nega o conhecimento (do numenon ou o ser).

Se Guilherme de Ockham afirmou que não existiam os universais e não poderia haver por consequência abstração, pois não se poderia abstrair o universal que não existiria segundo ele, Kant tem uma proposta semelhante, pois ao dizer que conhecemos o fenômeno, mas não a coisa em si, faz o mesmo. Não se chega a essência universal, não porque não exista, mas porque é inacessível. Com isso fica decretado o fim da metafísica, já que esta estuda o ser que está nas coisas e Kant afirma que a coisa em si (o ser) é inacessível. *→ só resta a Física (EMPIRISMO)*

8.3. Hegel

Hegel é um autor importante e também complexo. Podemos dizer que com ele se encerra a filosofia moderna. De certo modo podemos interpretar que (dá início à filosofia contemporânea, ao menos como um provocador com o seu racionalismo.) A Filosofia contemporânea será marcada pelo voluntarismo em grande parte e por isso trará uma grande crítica ao racionalismo de Hegel.

⁵⁶ MARITAIN, Jacques, *Tre Riformatori*, Morcelliana, Brescia, 2001, edição original 1928, p. 93 s.

Hegel propôs um sistema que em linhas gerais afirma um intelectualismo exagerado, no qual a razão humana pode alcançar a verdade facilmente. Afirma também que Deus é pensamento, contudo não parece ultrapassar ao imanente. Assim parece um materialismo disfarçado.

Hegel também traz a novidade de fazer coincidir sujeito e objeto do conhecimento através da sua tríade tese, antítese e síntese. Esta tríade atravessa a história e com isso pretendia não ser surpreendido por nenhuma novidade.

Podemos dizer que o intelectualismo exagerado ou racionalismo diferencia do realismo ou intelectualismo moderado por afirmar uma grande facilidade da razão em conhecer tudo, enquanto o realismo afirma a possibilidade de conhecer a verdade com a aplicação da inteligência.

Questionário 9

1. Descartes afirma que os sentidos enganam. Você concorda? Explique.
2. Descartes duvidou da realidade através da falta de distinção entre o sonho e a vigília? O que dizer?
3. Explique a negação da realidade de Descartes através do "Gênio Maligno"?
4. Kant é cético? Explique.
5. Porque podemos dizer que Kant fundamentou o subjetivismo e o relativismo?
6. Exponha em linhas gerais o pensamento de Hegel.
7. Qual a novidade no pensamento de Hegel?

9. A filosofia contemporânea.

Vimos três grandes representantes da filosofia moderna. Agora apenas mencionaremos um pouco do pensamento contemporâneo. A idade Contemporânea em termos de filosofia é muito complexa tendo tendências existencialistas, voluntaristas, além da corrente fenomenológica. É importante notar que há uma modificação de paradigma. Na filosofia grega antiga estava ao centro a preocupação com a verdade; na Idade Média temos um Teocentrismo marcado pela objetividade e ainda afirmando a convicção que se pode chegar à verdade; na Idade Moderna as novas teorias levam a um subjetivismo que conduz a um relativismo; já na Idade Contemporânea aparecem várias tendências. Há uma profunda desconfiança na verdade, no conhecimento. O voluntarismo ganha força e é assumido por muitos filósofos.

Podemos dizer do ponto de vista histórico que acontecimentos como a Revolução Industrial e as duas guerras mundiais influenciaram o pensamento contemporâneo. A Revolução Industrial com a produção em série mudou as relações de trabalho e trouxe muitas vezes uma carga de trabalho pesada demais chegando a 14 ou 16 horas de trabalho, além da ausência de direitos. Isto fazia que o homem fosse tratado como uma peça na engrenagem de produção. Já as duas guerras mundiais trazem o trauma de um massacre humano com perda de milhões de vidas, além de racismo e experimentos com pessoas. Tudo isso está diante dos olhos dos novos filósofos que se tornam pessimistas em relação ao homem. Aqui uma corrente de pensamento é importante o existencialismo. Esta considera a existência humana considerando sobretudo a angústia, o desespero e a atitude diante da morte. Não parece haver lugar para uma verdadeira sabedoria, mas sim para um voluntarismo materialista.

Alguns representantes dessa corrente podem ser mencionados como Nietzsche. Este afirma que o homem é vontade de poder. O conhecimento servirá no máximo para justificar a vontade. Próximo a isso, no campo da política, Marx afirma que o conhecimento só serve para justificar uma situação

injusta. Sartre também exalta à vontade afirmando que "o inferno são os outros". Schopenhauer retoma Kant para dizer que a coisa em si existe e é possível alcançá-la: ela é a vontade. Assim do idealismo salta para o voluntarismo.

Outras correntes surgiram como a fenomenologia, o construtivismo, o positivismo lógico, entre outras. Estas serão estudadas oportunamente durante o curso. Para esta introdução basta, por hora dar notícia dessas correntes.

10. As grandes partes da Filosofia

Consideramos em geral a filosofia. Agora é oportuno apresentar as grandes partes desta ciência. Iniciemos pela Lógica.

10.1. Lógica

A razão é o instrumento do filósofo para adquirir o saber. Assim uma das tarefas do filósofo é examinar a razão. Ele deve examiná-la como meio de chegar à verdade. A isto se chama Lógica. Propriamente falando ela é menos uma parte da filosofia do que uma ciência ou arte de que nos servimos na filosofia e que (introduz à filosofia.) As outras ciências, como afirma Maritain, dela dependem nesse sentido que lhes indica o meio de proceder no saber. A Lógica tem como objeto o ser de razão, que dirige o espírito para a verdade.

10.2. Filosofia Especulativa.

Podemos dizer que é a filosofia propriamente dita, porque (quer dar a razão das coisas pelos princípios supremos e tem como fim as causas primeiras.) Ela procura conhecer por conhecer. Aqui temos o interesse natural da inteligência humana. Por isso dissemos que (a filosofia tem a sua finalidade nela mesma.) É um conhecer para conhecer. Assim a filosofia Especulativa tem como objeto o ser das coisas.

10.3. A Filosofia Moral.

Contudo essa mesma filosofia especulativa pode interessar-se pelo bem de nossa vida e assim esse conhecimento servirá para obter por alguma ação o bem do homem. O bem absoluto do homem, portanto, deve ser o princípio supremo da Moral. A Moral tem como objeto os atos humanos.

Essas seriam as três partes principais da filosofia. Evidentemente outras especializações estão presentes na filosofia encaixando-se sobretudo na filosofia especulativa conforme o interesse de seu estudo particular. Por exemplo, a antropologia é uma forma de especular sobre o homem; a metafísica mais especificamente sobre o ser; a teologia natural pelo ser que é origem de todos os seres; a teoria do conhecimento sobre o conhecimento como verdadeiro e assim por diante.

Formal →
moralidade
dos atos

Questionário 10

1. Quais são as três grandes partes da filosofia?
2. Que parte da filosofia se interessa pelas causas primeiras?
3. A filosofia pode ser prática? Explique.
4. O que é a Lógica?

11. Principais Problemas da filosofia

Depois de examinarmos um pouco da história da filosofia, de possuir uma definição de filosofia e conhecer a sua divisão nos ocupemos agora dos seus principais problemas examinando as principais posições dos filósofos.

11.1. As ideias e as imagens.

As Ideias são as similitudes internas das coisas pelas quais estas nos são apresentadas de modo que possamos raciocinar sobre elas (por conseguinte adquirir-lhe ciência) pelas quais essas mesmas coisas nos são apresentadas como nos mostraram primeiramente nossas sensações. As palavras significam diretamente as ideias, mas evocando ao mesmo tempo imagens.

De modo que, as coisas tais quais nos são apresentadas pelas sensações e imagens, estão sob estado individual, ou como se diz, singular. Pelo contrário, as coisas tais quais nos são apresentadas pelas nossas ideias estão num estado não individual, mas abstrato, mas universal.

Assim temos que:

(NOSSAS SENSACÕES E NOSSAS IMAGENS, DIRETAMENTE E POR SI MESMAS, NOS
APRESENTAM O INDIVIDUAL; NOSSAS IDEIAS, DIRETAMENTE E POR SI MESMAS,
NOS APRESENTAM O UNIVERSAL.)

11.2. O Problema dos universais.

A respeito dos Universais podemos, omitindo muitas diferenças, agrupar os filósofos em três grandes escolas, seguindo a classificação de Maritain⁵⁷.

- a) A escola nominalista, para a qual o universal só se encontra absolutamente nos nomes, ou nas ideias, sem que a isto nada corresponda na realidade das coisas. Maritain inclui nessa escola do final da Idade Média, de Guilherme de Ockham antecedentes como sofistas e cétricos clássicos. Outros que podem ser associados a essa escola seriam Hobbes e Locke no séc. XVII, Berkeley e Hume no século XVIII, e Stuart Mill e Spencer no séc. XIX.
20/05/2024
- b) A escola do Realismo absoluto para a qual o universal como tal, o universal em estado separado, tal qual está no pensamento, constitui a realidade das coisas: o que faz do conhecimento sensível uma ilusão. O que é real é, por exemplo, uma natureza humana existindo fora do espírito em si mesma em estado separado, um Homem em si mesmo como pensava Platão (mundo das ideias); ou ainda um Ser comum, existindo tal qual, fora do espírito como uma só e única Substância (Parmênides); certos filósofos como Spinoza e Hegel aparentam-se mais ou menos com este realismo absoluto.
- c) A escola do realismo moderado que distingue a coisa em si mesma e o modo de existência ou estado sob o qual ela se encontra, ensina que a coisa existe no espírito sob um modo universal, e na realidade sob um modo individual. Aquilo que aprendemos pelas nossas ideias sob um estado de universalidade existe realmente, sob um estado de individualidade nas coisas. Assim por exemplo, há na realidade uma natureza humana que se encontra tanto em Pedro como em Paulo e João, mas fora do espírito não existe, a não ser nesses sujeitos individuais e não em um estado separado. O realismo moderado é a doutrina de Aristóteles e São Tomás.

⁵⁷ MARITAIN, Jacques, Opera cit., p.106.

10/06/25

11.3. Como nossas ideias são formadas.

Segundo a filosofia aristotélica toda substancia corpórea é um composto de duas partes substanciais complementares, uma passiva e em si mesma absolutamente indeterminada (matéria) outra ativa e determinante (forma).

“Já os mecanicistas, sejam eles, no que concerne à alma humana, materialistas como Epicuro, Lucrécio na Antiguidade ou Hobbes no séc. XVII, ou espiritualistas como Descartes, reduzem a substancia corpórea à matéria que confundem com a quantidade ou a extensão geométrica. Daí não há mais diferença essencial ou específica entre os corpos, que são todos, modificações de uma só e mesma substancia; além disso, o mundo físico fica privado de toda qualidade e de toda força, pois nele só a extensão e o movimento local são reais; enfim a união da matéria e do espírito, num ser como o homem, se torna completamente ininteligível”⁵⁸.

Já para outra escola chamada dinamismo a substancia corpórea é reduzida à unidade das formas puras e dos espíritos ou à força de uma energia. Aqui encontra-se Leibniz com a doutrina das mônadas que seriam unidades de ordem espiritual.

{ O que devemos dizer é que o homem conhece através dos sentidos e pela imaginação as coisas apresentadas em sua individualidade. O aspecto físico impressiona o sentido que forma a imagem, mas não é suficiente para conhecer a realidade mesma. O homem deve formar a ideia. Se deve afirmar que esta é extraída pelo intelecto agente que a partir da imagem obtida pelos sentidos chega ao universal. O intelecto realiza isso porque há algo de universal já no real. }

Assim devemos afirmar:

NOSSAS IDEIAS SÃO TIRADAS OU “ABSTRAÍDAS” DO DADO SENSÍVEL PELA ATIVIDADE DE UMA FACULDADE ESPECIAL (INTELECTO AGENTE) QUE ULTRAPASSA TODA A ORDEM DOS SENTIDOS E QUE É COMO QUE A LUZ DE NOSSA INTELIGÊNCIA. *→ e chega ao UNIVERSAL!*

A filosofia de São Tomás e Aristóteles afirma que nossas ideias vêm dos sentidos (e, portanto, das coisas), mas pela atividade do intelecto agente. Assim nossas ideias são essencialmente diferentes das sensações e das imagens, mas delas são tiradas pela atividade de uma faculdade espiritual.

Erros em relação à formação das ideias.

- a) Sensualismo – Segundo esta tendência nossas ideias vêm dos sentidos, que bastam para produzi-las e não diferem essencialmente das imagens e das sensações. A crítica que se deve fazer ao sensualismo é que o seu erro não está em afirmar que o nosso conhecimento tem fonte nos sentidos, mas que os sentidos são capazes de descobrir os princípios e as causas do real. Isto é trabalho da inteligência⁵⁹.
- b) Inatismo – As ideias são essencialmente diferentes das sensações não vem dos sentidos (em consequência nem das coisas com as quais somente os nossos sentidos estão em contato imediato).

Podemos afirmar que são dois erros:

⁵⁸ MARITAIN, Jacques, Opera cit., p.109.

⁵⁹ JOLIVET, R. *Curso de Filosofia*, Agir, Rio de Janeiro, 1970, p. 254.

- a) Um por deficiência: a alma humana não existe (materialismo) ou não é cognoscível.
- b) Outro por excesso: O homem é um espírito acidentalmente unido à um corpo (espiritualismo exagerado); a alma e o corpo são duas substancias completas cada uma (dualismo).

Para a filosofia realista, aquela de Aristóteles e São Tomás, a alma e o corpo são duas substancias incompletas e que formam o composto substancial que é o homem. Essa complementariedade se dá também no campo do conhecimento com a formação das ideias. Nossos sentidos são necessários para o contato com o mundo material, mas eles não bastam para que se formem as ideias. É o intelecto, que é uma faculdade da alma, que eleva a sensação à ideia, ao universal.

Assim não se pode duvidar, como ensina Maritain⁶⁰, sem cair em absurdo, nem da existência das coisas corpóreas (atestada pelos sentidos) nem da existência das coisas espirituais (demonstrada pela razão).

23/05

11.4. O Problema da Verdade.

A metafísica é a parte da filosofia que se ocupa daquilo que está além da física, se ocupa do ser enquanto ser. Dentro da metafísica podemos ter a seguinte divisão: teoria do conhecimento, ontologia e teologia (natural) ou teodiceia. A teoria do conhecimento está dentro da metafísica porque estuda o ser enquanto ele pode ser conhecido pela nossa inteligência e até mesmo estar presente na nossa inteligência. Por isso está atenta à verdade, aliás estuda o ser enquanto verdadeiro.

Devemos afirmar que a verdade de nosso espírito consiste em sua conformidade com a coisa (o real), se não fosse assim o que teríamos na nossa mente seria apenas uma criação de nosso conhecimento. Maritain⁶¹ chega a dizer que seria impossível outra definição de verdade sem mentirmos a nós mesmos.

Assim negar a verdade é tomar a posição do Ceticismo. Este ensina que não se pode conhecer e já nesta afirmação se torna contraditório, pois ao fazer uma afirmação (o conhecimento é impossível) já está admitindo um conhecimento, ou seja, conhece que não se pode conhecer. Mais ainda, do ponto de vista prático, (ninguém é realmente cético, pois ao falar já admite o conhecimento,) conhece um idioma, conhece o significado das palavras, faz uso dos conceitos etc. Também ninguém é cético realmente, pois quando alguém sai de sua casa para ir à escola ou ao trabalho, por exemplo, conhece o caminho que deve fazer, a condução que deve tomar, o horário de sua saída e de sua chegada etc. Assim podemos afirmar que:

O CETICISMO TEÓRICO É CONTRADITÓRIO E O CETICISMO PRÁTICO É IMPOSSÍVEL. A CONDUTA COERENTE DO CÉTICO SERIA SILENCIAR.

A essa altura devemos evocar a definição clássica de verdade: ^{↳ definir palavra (Aristóteles)} "Verdade é a adequação da mente à realidade". Admitimos que não é fácil, contudo, mas é possível alcançar a verdade. A verdade é difícil. Por isso as soluções simplistas parecem atraentes, assim é mais fácil dizer que não se pode conhecer do que tentar procurar a verdade. Maritain⁶² lembra o adágio: "é mais fácil tomar uma dificuldade por uma impossibilidade".

Podemos agora concluir a respeito da verdade:

⁶⁰ MARITAIN, Jacques, Opera cit., p. 117.

⁶¹ Idem, p. 119.

⁶² Ibidem, p. 120.

A VERDADE DO CONHECIMENTO CONSISTE NA CONFORMIDADE DO ESPIRITO COM A COISA – É ABSURDO PÔR EM DÚVIDA A VERACIDADE DE NOSSAS FACULDADES DE CONHECER.

Sobre esta questão da veracidade das faculdades do conhecimento podemos dividir sumariamente os filósofos em três grandes grupos:

- i)
- a) Céticos – Estes impressionados com o grande número de erros no conhecimento, dizem que é impossível chegar a verdade. Na Antiguidade são seus representantes Pirro, Protágoras, entre outros. Nos tempos modernos podemos citar Montaigne e Sanchez, além de David Hume. Como prolongamento desse grupo temos na modernidade filósofos anti-intelectualistas que se desesperando da inteligência vão procurar a verdade na vontade ou na intuição, ou ainda na ação. São eles Fichte, Schopenhauer, Bérghson, Wiliam James. Assim vemos que o ceticismo foi tomando novas formas. Outros filósofos poderiam ser classificados aqui, ao menos, como céticos moderados.
- ii)
- b) Racionalistas – Estes afirmam que a verdade é fácil de ser atingida. Por isso tentam submeter tudo ao nível da razão. Aqui muitas vezes se está no subjetivismo, já que é a razão do sujeito que deve ser tomada como regra de verdade. O grande iniciador em tempos modernos dessa corrente foi Descartes. Outros o seguem, ao menos de certo modo como Spinoza e Leibniz. Kant também nessa corrente extraiu princípios supremos racionalistas. A revolução cartesiana se consumou com os filósofos que divinizaram o sujeito humano, a saber, Fichte, Schelling e Hegel.
- iii)
- c) Realismo ou Intelectualismo Moderado – é a escola de Aristóteles e São Tomás. Essa ensina que a verdade não é impossível, nem fácil, mas difícil de ser atingida pelo homem. Também admite os erros cometidos por muitos filósofos, mas não vê nisto a impossibilidade do conhecimento, mas sim a necessidade de disciplinar a inteligência. A razão é o instrumento que o homem tem para entrar de posse da verdade, por isso é preciso reconhecer a sua importância, por um lado, e ao mesmo tempo os seus limites e os riscos de erro.

03/06

11.5. O objeto da inteligência.

material: ser corpóreo

A questão que se coloca aqui é: Qual é o objeto formal da inteligência? Sobre que é que o conhecimento intelectual se aplica imediatamente e por si mesmo. Aqui estamos no campo da ontologia, ou seja, a parte da metafísica que se interessa pelo ser, mas também na teoria do conhecimento. É da natureza da inteligência buscar o ser nas coisas. Podemos dizer que o objeto material da inteligência é o ser corpóreo.

No entanto a inteligência não é algo de material, embora precise do contato sensível para iniciar o conhecimento, mas aquilo que ela busca na realidade é a essência do ser corpóreo. Isto porque (a inteligência como que torna a realidade material proporcional a si mesma, ou seja, por assim dizer a imaterializa.) Na verdade, ela vai em busca de seu ser, que se dá também em essência. Assim temos que:

→ a essência do ser corpóreo

O OBJETO FORMAL DA INTELIGÊNCIA É O SER. ELA É FEITA PARA ATINGIR AQUILO QUE AS COISAS SÃO INDEPENDENTEMENTE DE NÓS⁶³.

*Objeto formal da inteligência: essência do ser
material " : ser corpóreo*

⁶³ Ibidem, p. 124.

Falamos da ontologia porque o ser como se apresenta à inteligência tem suas propriedades: a unidade, a verdade, a bondade e a beleza. Além disso estão presentes a essência e a existência, o ato e a potência, a substância e o acidente.

POR ISSO DEVEMOS DIZER QUE O SER COMO TAL É INTELIGÍVEL; TODA COISA É INTELIGÍVEL NA MEDIDA EM QUE É. *Existiu, pode ser conhecido!*

ISTO QUER DIZER QUE O SER É INTELIGÍVEL EM SI, PARA A INTELIGÊNCIA, NÃO DIZEMOS QUE É INTELIGÍVEL PARA NÓS PARA A NOSSA INTELIGÊNCIA.

11.6. A Essência

(matúrea)

Chama-se essência ao dado primeiro da inteligência do ponto de vista da inteligibilidade. A essência é o ser considerado do ponto de vista da inteligibilidade. *"de ser dentro"* *capaz de ser conhecido pela inteligência*

A ESSÊNCIA DE UMA COISA É O QUE ESTA COISA É NECESSARIAMENTE E PRIMEIRAMENTE A TÍTULO DE PRINCÍPIO PRIMEIRO DE INTELIGIBILIDADE.

Como vimos a inteligência tem como objeto formal o ser. Por outro lado, o que convencionamos chamar de essência nada mais é que o ser primeiramente inteligível de uma coisa. "Se nossa inteligência não fosse capaz de atingir as essências das coisas ela seria mentirosa"⁶⁴. Negar a possibilidade da inteligência conhecer as essências das coisas é negar a própria inteligência. Portanto é necessário que:

{ NOSSA INTELIGÊNCIA PODE CONHECER A ESSÊNCIAS DAS COISAS. }

Com isso não estamos afirmando que nossa inteligência conhece sempre as essências das coisas (na integridade de suas determinações). Dizemos que nossa inteligência pode conhecer e conhece em muitos casos. Nem dizemos também que nossa inteligência pode sempre conhecer perfeitamente (distintamente) as essências das coisas. As vezes se conhece confusamente, mas o importante é afirmar que é possível conhecê-las. Tudo isso pode ocorrer devido a imperfeição de nossa inteligência, mas como já se disse em potência ela pode conhecer tudo. Maritain⁶⁵ lembra que mesmo as ciências experimentais estão longe de conhecer perfeitamente as essências das coisas que estudam. *Inteligência não perfeita* *1º conhece sem ser perfeito*

Lembramos ainda que a essência é universal. Ao pensar "homem", por exemplo, nos colocamos diante de algo que é despojado de toda individualidade. Assim as essências das coisas estão no nosso espírito em um estado de universalidade. A essência considerada no real estará em um sujeito como por exemplo a essência "homem" encontra-se identificada com um sujeito Pedro, por exemplo. Contudo posso considerar a essência de Pedro que faz abstração de todos os caracteres que distinguem Pedro de Paulo ou João. Assim temos que: *para saber mais é universal*

AS ESSÊNCIAS DAS COISAS SÃO UNIVERSAIS NO ESPÍRITO E CONSIDERADAS EM SI MESMAS NÃO SÃO NEM UNIVERSAIS NEM INDIVIDUAIS.

Indivíduos que tem a mesma essência, Pedro, Paulo e João, estão no mesmo nível no ser primeiramente inteligível; são essencialmente iguais (são homens), mas diferem um dos outros, porque tem uma natureza individual.

Questionário 11.

1. Qual a diferença entre ideias e imagens?

⁶⁴ Ibidem, p. 135.

⁶⁵ Ibidem, p. 135.

2. Se as ideias são diferentes das imagens e de nossas sensações, podem elas ser representação da realidade?
3. O que é o Sensualismo e o Inatismo?
4. Por que o ceticismo teórico é contraditório?
5. Por que o ceticismo prático é impossível?
6. O que é a verdade? É realmente possível chegar à verdade? Explique.
7. Qual o objeto formal da inteligência?
8. Nossa inteligência pode realmente conhecer as essências das coisas? Explique.

06/06

11.7. Substância e acidente.

A substância → aquilo que existe em si mesmo.

Pessoa (definição) : - substância individual
- natureza racional
↓
Boécio

Considerando agora o ser mais do ponto de vista da ação e não somente do ponto de vista de inteligibilidade, ou seja, da existência, de um ser existente por si mesmo (de *per se*) temos que considerar dois novos aspectos dessa existência. Se pensamos no caso de Pedro que tem uma existência primordial e primeira, no entanto podemos considerar que hoje está triste, ontem estava feliz, e, no entanto, continua a ser Pedro. Há um ponto de vista secundário que pode ser considerado na existência. São coisas que são acrescentadas a um sujeito principal.

Nesse sentido dizemos que Pedro é uma substância quando consideramos principalmente o que ele é. Quanto a certos estados que podem mudar como estar triste ou alegre, ser alto ou baixo, branco ou negro, gordo ou magro, dizemos que são acidentes.

Assim substância (*substare* "estar por baixo") convém ao próprio sujeito da ação (aquilo que antes de tudo existe). É o sujeito considerado precisamente como natureza ou essência. Pedro considerado em si mesmo não precisa de outro para existir. Dizemos, portanto, que substância é uma coisa ou natureza feita para existir em si mesmo e não em outra coisa. Assim podemos sublinhar esta definição:

A SUBSTÂNCIA É UMA COISA OU UMA NATUREZA À QUAL CONVÉM EXISTIR POR SI OU EM RAZÃO DE SI MESMA (PER SE) E NÃO EM OUTRA COISA.

Ou numa forma reduzida:

⇒ A SUBSTÂNCIA É AQUILO QUE EXISTE EM SI MESMO.

Podemos enumerar algumas características da substância.

- a) A substância corresponde a uma coisa que existe realmente.
- b) A substância não é um receptáculo vazio, um suporte inerte e morto. Por exemplo, enquanto Pedro existe sua substância como tal não pode mudar. Somente quando ele morre, se torna um cadáver.
- c) A substância de uma coisa enquanto existe, é imutável como tal. *o captem os acidentes*
- d) A substância, por si mesma, é invisível, inacessível aos sentidos, pois os sentidos não apreendem o ser. De certo modo meus olhos vêem a substância de Pedro, mas ela é verdadeiramente inteligível.

A substância é nas coisas, do ponto de vista da existência, o ser que a inteligência se dirige antes de tudo e imediatamente, para saber o que esse sujeito.

O acidente. → aquilo que existe no outro.

10/06 24/06

Maritain⁶⁶ nos chama atenção para coisas tais quais como o riso, movimento, tristeza, alegria, cor etc. que eu distingo em Pedro e que fazem Pedro existir sob certo aspecto. Essas coisas existem, mas não do mesmo modo da substância. Para que existam precisam pertencer a outro ser já existente.

O ACIDENTE É UMA NATUREZA OU ESSÊNCIA À QUAL CONVÉM EXISTIR EM OUTRA COISA.

Ou ainda de um modo mais simples:

⇒ O ACIDENTE É AQUILO QUE EXISTE EM OUTRO.

Podemos ainda observar a respeito dos acidentes:

- a) O acidente não é um fragmento de substância, devemos considerar a noção de ser, sobretudo para distingui-lo da substância.
- b) Os acidentes são algo de real distintos da substância, embora tenham que “aderir” a substância para existir.
- c) Podemos representar sumariamente as escolas filosóficas no que diz respeito à substância e aos acidentes do seguinte modo:

Filosofia de Aristóteles e São Tomás: Há tantas substâncias quanto são os indivíduos. Cada um deles, por sua substância tem o ser primeiro: há, porém, em cada um deles acidentes reais e realmente distintos da substância.

Substancialistas: Não há acidentes reais e realmente distintos da substância, que é a única realidade (Descartes, Leibniz e, sobretudo Spinoza, panteístas alemães do século XX).

Fenomenistas: Não há substância; os acidentes que aparecem aos sentidos ou à consciência (fenômenos) são a única realidade (sensualistas ingleses, Escola neocriticista, filosofia do vir-a-ser puro).

Individualidade da substância – A substância, o ser primeiro⁴⁾ apreendido pela inteligência do ponto de vista da existência, é algo de individual, pois a inteligência aprende através das sensações. Contudo ao entrar em contato com o real, a inteligência apreende uma substância²⁾ segunda. Esta, por sua vez, é universal. Quando, por exemplo, entro em contato com a natureza de Pedro, a inteligência faz a abstração da individualidade de Pedro, mas também da essência universal de homem ou da humanidade. Assim vemos que a inteligência se dirige quer ao individual quer ao universal.

Apreendido sob o ponto de vista da existência temos o ser individual e sob o ponto de vista da inteligibilidade temos o ser universal. Maritain⁶⁷ chama a atenção que é num sentido impróprio que essência será aplicada à essência individualizada pela matéria individual. A essência propriamente dita não é individual. Ela existe no espírito em estado universal.

Contudo, em relação à existência, o ser primeiramente apreendido nas coisas pela inteligência é a substância individual e somente em sentido secundário a substância se aplicará à natureza desindividualizada pela abstração (isto é, essência propriamente dita).

⁶⁶ Ibidem, p.145.

⁶⁷ Ibidem, p.149.

Como complemento podemos usar as expressões ⁱ⁾ *Per se*, ⁱⁱ⁾ *In se* e ⁱⁱⁱ⁾ *A se* as aplicando à substância. Assim dizemos que aquilo que existe em si mesmo quando não existe como parte, ou seja, *In se*, como Pedro existe em si. Também podemos dizer que Pedro existe *Per se*, como substância criada, pelas causas de que depende, em virtude de sua própria natureza. Contudo podemos dizer que Pedro é *Per accidents* quando acometido de uma gripe. Finalmente podemos dizer daquilo, ou melhor, Daquele, que existe *A se*. Este é Deus que existe em si, em si mesmo, Tem em si a razão de sua existência. Assim as essências criadas existem *per se*, mas não *A se*, pois são criadas, causadas por Deus.

11.8. Ato e Potência.

mudança → passagem da potência ao ato

o que é *o que pode ser*

Aqui devemos tomar em consideração o ser do ponto de vista da ação, ou seja, da maneira pela qual as coisas se comportam na realidade. Temos, então, um novo sentido da palavra ser. Observando a realidade vemos que as coisas mudam. Note-se que dizemos “as coisas mudam”. Assim temos que para que haja mudança, algo tem que mudar. (Não há mudança, portanto, sem sujeito que seja mudado.) Em outros termos, o ser vem antes da mudança. Esta foi a dificuldade dos antigos como Heráclito e Parmênides. Para o primeiro tudo mudava e a mudança era a única substância, para o segundo nada mudava, pois, o ser era uno, perfeito, acabado e imutável.

Considerando a mudança vemos que temos um termo antigo e um novo depois do movimento. Aparentemente há uma incompatibilidade entre um e outro. Essa incompatibilidade aparente é que fazia com que Parmênides considerasse impossível a mudança e Heráclito só considerava o movimento. Maritain⁶⁸ afirma que o termo antigo já é tudo o que ele é, mas ainda não é tudo o que ele pode ser. Temos então um ser e um “vir a ser” e entre esses dois um “pode ser”.

↳ POTÊNCIA

Assim devemos dizer que o (movimento ou mudança é a passagem da potência ao ato.) Vemos assim que o ser tem na sua natureza determinadas possibilidades. Portanto a potência é uma noção conhecida diretamente na experiência⁶⁹ porque é próprio da potência ser ordenada a algum tipo de ato. Do mesmo modo se fala do ato em relação à potência. Em sentido geral o ato é a perfeição de um sujeito. A potência é aquilo que pode receber um ato. Se poderia ainda falar de um outro conceito que é o de latência. Este seria um ato escondido. Como exemplos podemos citar as doenças que já se fazem presente num organismo, mas não se manifestaram seus sintomas.

13/06

→ um ato escondido

Jolivet⁷⁰ afirma que o ato é tudo que é, no sentido primeiro da palavra ser. O próprio Jolivet afirma que isto não é uma definição, pois assim como a potência o ato não pode ser definido. É um conceito muito primitivo e muito simples e não podem ser determinados por outros. Ato e potência não são seres separados. Maritain também insiste que o ato é o próprio ser no sentido próprio da palavra quanto à plenitude assim significada. Já a potência é o determinável, o acabável ou p^{er}fectível como tal, não é um ser, mas a capacidade real de ser.

Maritain afirma que basta considerar as noções de ato e potência para chegarmos aos seguintes axiomas:

*** DEUS É ATO PURO !**

- I. A potência não pode existir em estado puro, isto é, sem nenhum ato.
- II. Nada é elevado da potência ou ato, senão por um ser em ato.
- III. O ato vem antes da potência.

⁶⁸ Ibidem, p.152.

⁶⁹ T. ALVIRA, L. CLAVELL e T. MELENDI, *Metafísica*, Ed. Raimundo Lúlio, São Paulo, 2014, p. 99.

⁷⁰ R. JOLIVET, *Metafísica*, Agir, Rio de Janeiro, 1965, p. 223.

- IV. A potência é essencialmente relativa ao ato e é para o ato. Ela só pode ser concebida em relação ao ato.
- V. O ato e a potência estão na mesma linha, ou seja, na linha da substância ou do acidente.
- VI. Toda coisa age na medida em que está em ato.
- VII. De duas coisas em ato não pode resultar alguma coisa de uno por si.

A respeito da questão de ato e potência, encontramos ainda a divisão dos filósofos em três grandes escolas:

- a) Aristóteles e Santo Tomás ensinam a distinção da potência do ato, e a prioridade do ato sobre a potência; a realidade do movimento e do vir a ser, mais a prioridade do ser sobre o movimento. Prova assim que entre Deus (Ato Puro) e todas as outras coisas (compostas de potência e ato) há uma diferença absoluta e infinita.
- b) O intelectualismo exagerado (Parmênides, Spinoza, Hegel) recusa-se admitir a potência, porque é uma noção por si mesma obscura. Daí tudo aquilo que é, é puramente ato, ou ato puro; é preciso negar o movimento (Parmênides) ou identificar os contrários (Hegel) e as criaturas possuem a mesma natureza de Deus (panteísmo).
- c) O anti-intelectualismo (Heráclito e Bérgrson) rejeita igualmente a distinção da potência e do ato, mas porque a noção de ser lhe parece falsa. Daí o vir-a-ser ou mudança pura, substituem o ser; e Deus apesar de tudo possui a mesma natureza que as coisas (panteísmo). ⁷¹ 10/6

Questionário 12.

1. O que é a substância?
2. Quais são as características da substância?
3. O que é o movimento?
4. Como Heráclito via o movimento?
5. Como Parmênides via o movimento?
6. O que é o acidente?
7. O que é o ato?
8. O que é a potência?
9. Qual a diferença entre a doutrina de Santo Tomás e Aristóteles a respeito da doutrina de ato e potência em relação ao intelectualismo exagerado?
10. Qual a diferença entre a doutrina de Santo Tomás e Aristóteles a respeito da doutrina de ato e potência em relação ao anti-intelectualismo?

11.9. O problema de Deus.

Aqui nos encontramos numa parte da metafísica. Como sabemos a metafísica estuda o ser enquanto ser e por isso mesmo deve estudar a causa do ser. Estuda, portanto, o Ser subsistente. Esta parte da metafísica é chamada de Teologia Natural. Vale a pena recordar que o nome Teologia foi cunhado por Platão em sua obra "A República" e depois apropriado, sobretudo pelos Padres da Igreja, para a ciência com base na Revelação divina. Por isso se coloca o adjetivo Natural, para dizer que é o Estudo de Deus à luz natural da razão e não por via da Revelação. Há ainda uma outra denominação para esta parte da metafísica que é Teodiceia. Esta palavra foi criada por Leibniz e quer dizer justificação de Deus, pois procurava defender a Providência divina dos ataques céticos do seu tempo.

⁷¹ MARITAIN, Jacques, Opera cit., p.157-159.

A Teologia Natural é uma ciência racional, ou seja, recorre somente as luzes da razão natural, seja porque é parte da Metafísica, seja porque seu objeto (Deus) não é acessível aos sentidos. Tem como excelência estudar a Deus que é o Ser Supremo e, portanto, o pensamento não pode ter objeto mais alto. É ele o princípio e o fim de todas as coisas. Jolivet⁷² nos recorda que mesmo o conhecimento do homem e do mundo só pode ser completo quando chegamos a Deus como causa de tudo o que existe.

17/06

A Teologia Natural examina primeiramente o que diz respeito à existência de Deus. Uma das primeiras coisas a se afirmar é que a existência de Deus não é evidente imediatamente para nós. Malebranche e os Ontologistas (Santo Anselmo e Descartes), ao contrário de São Tomás, pensavam que a existência de Deus fosse evidente como vimos no argumento de Santo Anselmo. O argumento de Santo Anselmo defende um conhecimento à priori de Deus, quando na verdade o conhecemos à posteriori, ou seja, através das criaturas. São Tomás defende que conhecemos a Deus por seus efeitos. São Tomás afirma que "quando um efeito nos é mais manifesto que a sua causa, por ele chegamos ao conhecimento desta".⁷³

O caminho que é aqui seguido é o da causalidade. Vimos que Anaxágoras falava da Inteligência como causa e que não bastava o princípio material para explicar a origem das coisas. São Tomás de Aquino propõe as cinco vias, os cinco caminhos para Deus. Evidentemente existem outras provas da existência de Deus. Podemos citar o Argumento Ontológico que refutamos junto com São Tomás, também podemos citar aqui as provas pelas aspirações da alma (fato da inquietação da alma), a prova pelo consentimento universal, a prova pela experiência mística como recorda Jolivet⁷⁴. Realçamos, porém, as cinco vias⁷⁵. Estas se destacam por estarem baseadas na causalidade. São elas:

1. Prova pelo movimento (se há movimento no mundo deve haver um motor imóvel que move tudo sem mover-se).
2. Prova pela causalidade (há sucessão de causas que derivam de outra coisa, deve haver a causa primeira que é causa de tudo e de si mesma).
3. Prova pela existência dos seres contingentes (Os seres contingentes tem sua razão de existir em outro, devemos chegar ao ser que tenha a razão de sua existência em si mesmo).
4. Prova pelos graus de perfeição dos seres (nenhum ser tem todas as perfeições, deve haver o ser que contem em absoluto todas as perfeições).
5. Prova pela origem do mundo (é necessária uma causa ordenadora de todo universo que é razão da organização complexa do mundo).

Podemos então afirmar que Deus é conhecido pela razão natural, seguindo a escola de Aristóteles e São Tomás, por um conhecimento analógico que nos faz ver através das coisas criadas a Deus com suas perfeições (ser, unidade, bondade, inteligência, amor, etc.). Não há nenhuma proporção entre Deus e as criaturas, nem confusão (panteísmo). Assim a teologia natural se opõe a dois erros: o agnosticismo e o panteísmo.

Temos então as seguintes posições em relação ao conhecimento de Deus em filosofia:

- a) A filosofia de São Tomás e Aristóteles que afirma que Deus é conhecido por analogia e é absolutamente distinto das coisas.

⁷² JOLIVET, Régis, *Curso de Filosofia*, Agir, Rio de Janeiro, 1970, p.287.

⁷³ AQUINO, Tomás, *Suma Teológica*, I, q.2, a. 1.

⁷⁴ JOLIVET, Régis, *Opera Cit*, p.307.

⁷⁵ AQUINO, Tomás, *Suma Teológica*, I parte, q. 2, a.2.

- b) O Panteísmo⁷⁶ que afirma que Deus é confundido com as coisas. Temos aqui por exemplo o pensamento de Spinoza.
- c) O Agnosticismo⁷⁷ que afirma que Deus não pode ser conhecido. A palavra agnosticismo é composta pelo prefixo "a" e "gnose" que significam que não se pode saber, ou seja, não se pode saber, no caso da religião ou filosofia, se Deus existe, mas não se nega propriamente a sua existência. Podemos aqui colocar o pensamento de Kant que afirmava que não se podia conhecer a Deus por via da metafísica que negou como um todo, nem admitia a analogia. A analogia segundo Kant só teria valor dentro da nossa experiência e o Ser infinito ou Causa primeira, se existe, é necessariamente transcendente⁷⁸.

Questionário 13

1. O que é a Teologia Natural?
2. Como se usa a analogia no conhecimento de Deus?
3. Deus pode ser conhecido à priori? Explique.
4. Quais são as três posições filosóficas a respeito do conhecimento de Deus? Explique.

20/06

11.10. A filosofia prática.

As ciências práticas têm em vista conhecer algum bem do homem e não conhecer somente para conhecer como a filosofia em si. É assim que a filosofia, sendo uma sabedoria, pode preocupar-se com o bem do homem. Mas como entender o bem do homem? Maritain⁷⁹ nos apresenta duas maneiras:

- a) Bens particulares. Aqui podem estar presentes os bens materiais, os bens culturais, os bens artísticos, os bens naturais, a saúde, etc.
- b) O Bem. Aqui temos algo que é o fim mesmo do homem, algo que pode dar sentido a existência humana, algo que é bem por si só. É para esse bem que todos os outros devem ser ordenados.

11.10.1. A filosofia do "fazer".

A filosofia prática, aqui no caso a filosofia do fazer, busca então regular a ação do homem em função da causa mais elevada da ordem prática. Aqui estamos no campo da Arte ^{FAZER BEM FEITO} que tem como caráter essencial a perfeição ou bondade, não do homem que age, mas da própria coisa ou obra feita pelo homem. É nesse sentido que a teoria geral sobre a Arte recai no campo da filosofia que busca reger do algo as disciplinas práticas. Temos assim a filosofia da Arte também chamada de Estética.

São Tomás afirma que a arte é uma virtude do intelecto prático ^{RETA RAZÃO NA AGIR} que se distingue tanto das virtudes especulativas e das virtudes morais, principalmente da prudência. Para São Tomás o belo é uma característica do bem. Também insiste na proporcionalidade, podemos dizer na distribuição das partes no todo. Afirma: "O belo é idêntico ao bem"⁸⁰. Santo Agostinho fala da beleza também como

⁷⁶ Segundo Abagnano este termo foi usado pela primeira vez por J. Toland em 1705 para considerar Deus como a natureza do mundo. ABAGNANO, Nicola, *Storia della filosofia*, vol. 12, *dizionario di filosofia*, G. E. L'Espresso, Bergamo, 2006, p. 21.

⁷⁷ Segundo Abagnano o termo Agnosticismo foi cunhado por Thomas Huxley em 1869 para designar problemas que não possam ser tratados pelas ciências positivas, mas somente pela metafísica e a religião. ABAGNANO, Nicola, *Storia della filosofia*, vol. 10, *dizionario di filosofia*, G. E. L'Espresso, Bergamo, 2006, p. 27.

⁷⁸ JOLIVET, Régis, *Metafísica*, Agir, Rio de Janeiro, 1965, p. 339.

⁷⁹ MARITAIN, Jacques, *Opera Cit*, p.165.

⁸⁰ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, J-II, q. 27, a. 1.

bem presente nas coisas, quando diz: Interroga todas essas realidades. Todas elas te responderão: Olha-nos, somos belas”⁸¹.

11.10.2. A filosofia do “agir”.

(Quando a ciência prática busca não mais o bem (beleza) nas coisas, mas o Bem puro e simples do homem, então ela se constitui na Moral ou Ética⁸² que deriva do termo grego *ethos* que significa costume. Tem a perfeição, não das obras feitas pelo homem, mas a perfeição do próprio homem que faz uso das faculdades de sua alma (inteligência e vontade) livremente.)

MATERIAL / FORMAL → moralidade dos atos

A Moral ou Ética estuda os atos humanos que se diferenciam dos atos de homem, por serem atos nos quais está implicada a liberdade e, portanto, a bondade ou maldade da ação. Este juízo da ação deve se dar em função do Fim Supremo do homem (o Bem absoluto), ou seja, a causa mais elevada da ordem prática. Temos então uma filosofia prática, mas não como a Estética, é prática porque se volta à ação do homem tendo em vista o seu Fim último.

Todos os atos humanos têm um fim. A inteligência não age por acaso, pois ela tem como objeto a verdade. Assim do ponto de vista prático o homem procura o seu fim último pela inteligência, ou seja, ele pode saber o que é um bem de fato. Por isso a vontade é iluminada pela inteligência para discernir o que lhe convém como bem. Tendo os atos humanos este fim último, deve ordená-los como meios para a obtenção do Bem Supremo. É por isso que a Ética deve orientar o homem através de normas para alcançar este fim último. A obtenção desse Bem está ao alcance de todos, é obrigatória para todos e começa nessa vida⁸³.

Sendo assim ela é ciência normativa, porque dá ao homem as leis de sua ação, aquilo que deve orientá-lo ao bem de sua vida, ao Bem Supremo. Ela de buscar saber em que consiste o bem absoluto do homem. Este é Deus, que criando endereça os seres a si mesmo⁸⁴. Embora busque este bem supremo a Ética é insuficiente para ensinar tudo o que homem deve saber para agir e por isso, como recorda Maritain, deve ser completada pela Revelação⁸⁵. Nesse sentido temos o pensamento de Santo Agostinho: “O nosso coração está inquieto até repousar em Vós”⁸⁶.

Vale a pena mencionar a divisão da ciência dos costumes em Aristóteles, segundo Maritain, ciência dos costumes ou do agir (Ética no sentido lato da palavra) em três partes:

- i) a) Ciência dos atos do homem como indivíduo ou Ética (no sentido estrito). É o estudo da ética que se entende em geral, o estudo dos atos humanos;
- ii) b) Ciência dos atos do homem como membro da sociedade doméstica ou Economia. É o estudo do homem em família, ou seja, na primeira sociedade que em geral conhecemos; → ordem da casa
- iii) c) Ciência dos atos do homem como membro da cidade (sociedade civil), ou Política, o estudo dos atos do homem na *Polis*, na cidade, na sociedade.

Assim temos os diversos níveis de atuação do homem, como indivíduo, como membro de uma pequena comunidade, ou ainda, inserido em um contexto maior, o âmbito social.

⁸¹ SANTO AGOSTINHO, Sermão 241, 2, apud OLIVEIRA SOUZA, Dartagnan Alves de. *Pulchrum Caminho para o Absoluto?* In: *Lumen Veritatis*. São Paulo: Ano II, n.8, jul/set. 2009, p.86.

⁸² DE FINANCE, Joseph, *Ética Generale*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1997, 7.

⁸³ JOLIVET, Régis *Opera Cit*, p.307

⁸⁴ DE FINANCE, Joseph, *Opera Cit*, p.235.

⁸⁵ MARITAIN, Jacques, *Opera Cit*, p.165.

⁸⁶ AGOSTINHO, *Confissões*, I,1.

Quanto ao problema principal da Moral, a saber, o fim último do homem, pode-se propor a seguinte divisão⁸⁷:

- a) A escola aristotélico-tomista que ensina que o entendimento da vida moral depende da convergência para o Bem Supremo do homem ou para a Felicidade (beatitude). Entenda-se aqui o objeto dessa beatitude é Deus, ao qual, devemos amar como nosso fim último. Assim se afirma que o homem mesmo não é o seu fim último, mas um outro que é Deus.

↳ SOMOS PARA OS OUTROS!

- b) As escolas que orientam os atos humanos ao prazer (hedonismo, Aristipo, Epicuro) ou ao útil (utilitarismo, Bentham, Stuart Mill), ou ao Estado (Hegel e "sociologistas" contemporâneos) ou à humanidade (Augusto Comte) ou ao Progresso (Spencer) ou à simpatia (escola escocesa) ou a Piedade (Schopenhauer) ou à produção do Super-Homem (Nietzsche), determinam como fim último do homem algo de criado e assim o rebaixam a um nível inferior a ele próprio. Aqui também se afirma que o homem não é o seu fim último, mas o seu fim último é algo criado.
- c) As escolas que a virtude ou o dever se basta a si mesmo (estoicos, Spinoza, Kant) pois a virtude é a própria beatitude. Assim colocam o homem como seu próprio fim último e desse modo, embora parecer divinizar o homem, o rebaixam, pois, a sua grandeza é poder ter como fim último o Bem incriado. Aqui finalmente se afirma o próprio o homem como seu fim último através de sua virtude.

Questionário 14.

1. Na filosofia prática, que espécies de bem o homem pode encontrar?
2. O que dizer do Belo em São Tomás e em Sto. Agostinho?
3. Como se divide a ciência dos costumes em Aristóteles?
4. Como se dividem as escolas filosóficas em relação ao fim último do homem?